



BRASIL AGORA



ANO II Nº 39

17 A 30 DE MAIO DE 1993

CR\$ 50.000,00

FOIHA IMAGEM



SUCESSÃO

Mário Amato não quer Lula nem Maluf

PÁGINAS 4 E 5

FOIHA IMAGEM



LULA

A Folha deturpa declarações

PÁGINA 13



EUROPA

A derrocada da social-democracia

PÁGINA 14



Todo mundo se choca ou finge chocar-se com as cenas de miséria explícita, cada vez mais escancarada. O governo tem um projeto contra ela, Lula faz uma viagem para mostrá-la. E daí?

PÁGINAS 7, 8 9 E 10

FOME

ISTO É BRASIL

DIÁLOGO

ALVO ERRADO

A Província Dominicana do Brasil comunica a todos os amigos e conhecidos que o Frei Betto encontra-se sob processo judicial movido pelo Ministério Público, acatando a representação da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e do comando da Polícia Militar. No próximo dia 21 de maio, Frei Betto deverá comparecer ao Fórum da capital paulistana para depor e seu julgamento está marcado para o dia 2 de junho de 1993.

O Estado de S. Paulo publicou dia 15 de maio de 1992, na página 2, o artigo, assinado por Frei Betto, intitulado "Temporada de caça a brasileiros". No artigo, o autor refere-se à impunidade daqueles que no Brasil matam no trânsito, no exercício da atividade policial, em linchamentos e na contenção salarial.

No dia 25.03.92, na pág. 3, O Estado de S. Paulo publicou carta do comandante da PM/SP, Eduardo Assumpção, em resposta ao artigo. Na carta, o coronel assegura que "na PM a violência é punida. No ano passado, 304 policiais foram demitidos e 90 expulsos, por atos não condizentes com o comportamento que se exige de um PM". Admita, pois, a pertinência das denúncias feitas. Anexamos a esta carta notícias sobre abusos da PM/SP para que se possa avaliar a veracidade do alerta de nosso confrade.

Dia 16 de setembro de 1992, agentes do 40º Distrito Policial de São Paulo estiveram em nosso convento e convocaram Frei Betto a depor naquela repartição. No dia seguinte, 17 de setembro, ele compareceu à delegacia, acompanhado de seu advogado, doutor Belisário dos Santos Júnior, onde o notificaram da representação contra ele remetida à Justiça. Ao pedirem seu enquadramento na Lei de Imprensa, as autoridades do governo do estado de São Paulo o acusam de difamar a corporação militar.

No interrogatório, Frei Betto confirmou a autoria do artigo e rebateu a interpretação de que pretendesse atingir todos os oficiais e soldados da PM/SP; queria somente denunciar abusos e notórios casos de violência registrados pela imprensa. O inquérito foi devolvido à Justiça, para que o juiz decidisse se abria ou não processo.

Em 3 de outubro de 1992, a opinião pública tomou conhecimento de que, na véspera, oficiais e soldados da PM/SP haviam sufocado uma rebelião de presos do Carandiru, a Casa de Detenção de São Paulo, deixando um trágico lastro de 111 mortos. Nenhum policial militar foi morto ou sofreu ferimento grave e, segundo o diretor do presídio, não havia armas de fogo entre as vítimas.

EM OFF E' FILHO DA P... E OFICIALMENTE, COMO SERIA?



ALÉM DO PROBLEMA DOS SEM-TERRA, SERIA BOM TAMBÉM DAR UM JEITO NOS SEM-O-QUE-FAZER!

MAURO A. BRAGA
Caiiras, SP

ESTRANHO

Casou-nos estranheza a informação que o Brasil Agora fez circular, em sua edição nº 37, página 13, de que a Vertente Socialista faz parte do bloco sindical, ao lado da Articulação, Nova Esquerda e, ainda, da CSC. É mais estranho que tal informação venha dos companheiros Delúbio Soares e Gilmar Carneiro, pois ambos sabem muito bem que esta informação não corresponde à verdade.

Assim, a bem da verdade e em nome da coordenação Vertente Socialista, venho prestar os seguintes esclarecimentos ao corpo de jornalistas do Brasil Agora e aos seus leitores:

A Vertente Socialista, corrente interna ao PT, passou por um processo de cisão à época do 1º Congresso do Partido dos Trabalhadores; parte dos companheiros da Vertente, a Nova Esquerda e outros companheiros da Articulação, se uniram em torno de uma nova corrente, conhecida como PPB (Projeto Para o Brasil); os sindicalistas da PPB atuam junto à Articulação Sindical; a Vertente Socialista não atua, enquanto corrente fora do PT, embora seus sindicalistas se alinhem, em sua maioria, à CUT pela Base.

WALDEMAR ROSSI
São Paulo, SP

SANGUE DE CRISTO

Perplexa! É assim que me encontro. Eu não entendo mais nada. Conhecendo o partido historicamente, dá para se observar que muita coisa tem mudado. Vejamos estes dois pontos: primeiro, tem o Encontro Municipal e o Genoíno vai e diz que o PT deve fazer política de alianças com o PMDB e o PDT. Aí é que eu pergunto: entre o Fleury (chefe do massacre do Carandiru) e o Brizola (aquele que chorou ao pedir que não se votasse no "filho da ditadura" e depois foi sentar-se com o mesmo) existe algum setor progressista?

Mas isso foi só o começo. Pois, não satisfeito com esta contradição, o partido utiliza da Caravana da Cidadania e sai pelo Nordeste pregando asneiras em vez de verdades, subestimando a ignorância alheia, dizendo coisas como: "O verme-lho da bandeira do PT é o sangue de Jesus Cristo". Não dá para o Lula posar de messias, pois o último que recentemente tentou dar uma de predestinado por Deus acabou sendo o maior "sacana" de nossa história. E o Lula é o melhor candidato, é o meu candidato, não posso vê-lo se enforcar com o próprio cordão umbilical, antes de parir a sua candidatura.

JAVA FAGUNDES
São Paulo, SP

BRASIL AGORA

RAIMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOUTI, RUI FAICÃO, RUTH BUENCI DE ARAUJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718. FAX: (011) 222.2865

ADMINISTRAÇÃO Mª ALICE DE P. SANTOS **ASSISTENTE** NANANDA ALVES **DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO** (COORDENAÇÃO GERAL): MARIA ODETE G. DE CARVALHO, JOSÉ LUIS NADEAU **GERENTE DE DESENVOLVIMENTO**: PAULO M. SOLDANO **GERENTE DE MARKETING** ÉDUI DE ARAUJO SANTOS **ASSINATURAS**: ANA MARIA ALVES, GUILBERTO GENESTRA (DIGITAÇÃO), PAULO E. SOLDANO, MÔNICA MENDES MARTINS, ANA CLÁUDIA F. GONÇALVES, REINALDO LAFORDYA, EUZABETE BERNARDO (RIO DE JANEIRO 021-222.4818), JOSÉ VITAL (FORTALEZA 085-252.1992), MOISÉS BAESTRO (PORTO ALEGRE 051-2217733), JOSÉ MARIA R. DE SOUZA FILHO (BELEM 091-224.8579), ANTONIO DE PÁDUA BORGES (CEROLA) (BELO HORIZONTE 031-222.3811), **EDIFICAÇÃO**: JOÃO A. GUEVARA **SERVIÇOS GERAIS**: EUSANDA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCIENE B. SILVA, MARCELO L. C. FONTES **IMPRESSÃO** DIÁRIO DE MOG. **DISTRIBUIÇÃO**: DINA/S/A. **TRABALHO DESTA EDIÇÃO**: 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 13 DE MAIO DE 1993. **JORNALISTA RESPONSÁVEL**: JOSÉ AMÉRICO DIAS

Após o massacre, julgamos que o processo contra Frei Betto fosse sustado. Diga-se que nenhum policial militar envolvido no massacre foi, até agora, considerado culpado ou punido. O governador de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho, limitou-se a demitir o secretário de Segurança Pública, após pressão internacional, e a substituir o comandante da PM.

Em fevereiro deste ano, um oficial de Justiça compareceu ao nosso convento de São Paulo para comunicar oficialmente a abertura do processo judicial contra Frei Betto e intimá-lo a apresentar sua defesa prévia, o que foi feito em 4 de março. Em suas alegações, a defesa assinala que, não sendo pessoa jurídica, a PM/SP não pode processar o autor do artigo sem expressa delegação do governador do estado, seu comandante supremo.

O que nos preocupa, contudo, não é o processo movido contra Frei Betto. É a impunidade dos abusos policiais e a possível continuação desse flagrante desrespeito aos direitos humanos.

Neste sentido, sugerimos àqueles que se sentem solidários ao nosso confrade que se manifestem diretamente ao governador do estado de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho: Palácio Bandeirantes, 05698-900, São Paulo/SP, Brasil. Fax: (011) 843-9271. E ao ministro da Justiça, Maurício Corrêa: Ministério da Justiça, Esplanada dos Ministérios, 70000, Brasília, DF. Fax: (061) 321-5145. Quem reside no exterior pode manifestar-se também diretamente à Embaixada do Brasil.

FREI LUIS SAPIANO
OP - PROVINCIAL
São Paulo, SP

CAOS NA CMTC

Um dos maiores problemas enfrentados por Erundina na prefeitura de São Paulo foi a questão dos transportes. A proposta de tarifa zero, condenada e reprovada por aqueles que se sentiram ameaçados com o projeto, foi uma das tentativas de solucionar o problema.

A municipalização dos transportes, apresentada pela prefeitura e aprovada pela Câmara Municipal, após uma grande batalha política, trouxe grandes benefícios.

Com a vitória eleitoral de Maluf, uma das suas providências foi negociar com os empresários o fim da municipalização, e agora temos: demissões na categoria, redução da frota, reajuste da tarifa acima da inflação, privatização da CMTC.

São estas as medidas adotadas por Maluf. Enquanto isto, as propostas apresentadas durante a campanha eleitoral simplesmente desapareceram, após as eleições.

A população, nestes cem dias, já tem subsídios suficientes para avaliar o retrocesso que significa esta administração, individualista, antidemocrática e autoritária. Boa sorte São Paulo, nós vamos precisar!

MARCOS DA SILVA
São Paulo, SP

MESMO SACO

Deu a louca no PT! Pela primeira vez o jornal Brasil Agora chega até nós, plebeus rudes, não-petistas, maioria sofredora, pelo mesmo preço. Mas é claro, a máquina partidária tinha que fazer uma média com o povão, depois deste plebiscito de araque, conto do

vigário vermelho. Setenta e cinco por cento dos próprios "recrutados" foram excluídos, a democracia e os trabalhadores foram mais uma vez apunhalados pelas costas, e a pátria vendida por trinta dinheiros sujos.

Agora não adianta lavar as mãos, como Pôncio Pilatos. Está na cara: Lula, Brizola, Sarney, ACM, são todos da mesma laia. Vou orar para que o primeiro tenha um final de carreira "feliz", como o Ceaucescu ou o camarada Honecker. Esta eu vou assistir de camarote, vai ser um grande espetáculo.

FERNANDO COSTA DE PAULA
Petrópolis, RJ

O NAMORO

Cheguei ao final da assinatura do Brasil Agora. Porém, não da nossa luta, que por sinal é árdua. Conclusão: poderiam ser melhores as matérias publicadas, desde que o espinho de peixe, que é o Valter Pomar, saísse da garganta da Articulação, junto com outros que queiram levar o PT para a social-democracia. Pode ter certeza, a base responderá à altura. Sabem quantos neste país não têm nada a perder?

Não tenho condições de renovar a assinatura, mas torço para que o jornal vire semanal. Parece que é isto que o Valter Pomar quer. Sempre esperei ler no Brasil Agora algo que não encontrasse em outros meios de comunicação. Mas a matéria publicada no nº 37, "Adivinhe quem vem para jantar", também foi encampada em todos os meios de comunicação burgueses.

Enquanto isto, o senhor Lula deveria estar na luta contra a privatização - a última a da CSN

“Veja” que vergonha

Os assentados (sem-terra beneficiados pela reforma agrária) obtêm renda familiar superior à média nacional dos pequenos agricultores, produzem muitos alimentos, geram impostos e entram no mundo dos consumidores. Esses “ex” sem-terra passam da condição de “lumpens” à de cidadãos graças à terra adquirida. Gente que produz e tem onde morar, comida, escola, saúde, acesso a bens de consumo...

Documentada em estudos recentes da Universidade de Cruz Alta (RS) e da Organização da Alimentação e Agricultura (FAO), essa realidade vem reforçar o argumento de que a reforma agrária também se justifica pelo aspecto econômico, e não apenas político e social.

São informações importantes, que se incorporam à maré favorável à luta pela terra: falta pouco para a legislação deixar de ser um empecilho; o atual presidente do Incra “é do ramo” e de esquerda; já existem mais de 600 sindicatos, com 5,4 milhões de trabalhadores rurais na base, filiados à CUT; a campanha nacional contra a fome resgata a necessidade da produção agrícola familiar e da reforma agrária; e Lula em 1994...

Certamente é esse contexto favorável à reforma agrária, quando muitos imaginavam-na um assunto “fora da moda”, mais o contexto geral de ataque ao PT e a tudo onde existam petistas, o que explica a sanha da “grande imprensa” contra o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com destaque para a matéria de duas páginas da edição de 5 de maio da revista *Veja* (“Últimos Extremistas”).

Os latifundiários e os conservadores em geral, tranquilizados pelo ritmo de execução da reforma agrária, desde o Plano Nacional (PNRA) de Sarney, em 1985, com a meta de assentar 1,4 milhão de famílias em cinco anos (até hoje não se atingiu 10% desse total), pelo visto estão surpresos com o quadro atual, a ponto de conseguirem

de *Veja* uma matéria feita às pressas, mal disfarçando o cheiro de encomenda.

Sorte que *Veja* não é mais aquela. A matéria é fraca, faz malabarismos para não informar e não poupa adjetivos forçados. Os leitores dessa primeira pobre da *Realidade* (revista da Editora Abril fechada há 20 anos) ficaram sem saber que existem três milhões de famílias de pequenos agricultores sem-terra e também das quase duas mil mortes na luta pela terra, desde o golpe militar, em sua maioria assassinatos, a mando de latifundiários até hoje impunes. E do relatório “Conflitos no Campo”, da Comissão Pastoral da Terra, editado desde 1985, com informações precisas sobre trabalho escravo, despejos, assassinatos e todo tipo de violências (a edição relativa a 1992 foi lançada em abril).

Veja omite o fato do Brasil ser o 6º em miséria rural, entre 114 países, e ocupar o 4º lugar entre os países onde o número de agricultores pobres aumentou no período 1965-1988. Saltamos de 66% para 73% da população rural vivendo (?) abaixo da linha da pobreza! (informação publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 13.01.93).

Conseqüentemente, *Veja* deixa de dizer também que, nesse mesmo período, os latifundiários se esbaldaram com bilhões de dólares do Estado, para plantar cana e soja e transformar florestas em pastos para boi, às custas do desmatamento de 40 milhões de hectares (um estado do tamanho de São Paulo) na Amazônia, das mortes de milhares de indígenas e da expulsão de pequenos agricultores de suas terras - os mesmos sem-terra de hoje.

Veja é isso aí. Anuncia uma coisa (ver a “Carta ao Leitor” na mesma edição) e vende outra. Que distância da *Realidade*! Eu, se fosse assinante de *Veja*, recorrería ao Código de Defesa do Consumidor.

* MILTON POMAR é jornalista

A Veja desinforma com uma matéria fraca contra os sem-terra. Por trás estão os interesses contrários à reforma agrária.



Neo-separatismo

O separatismo farroupilha esgotou-se em 1845. Desde então, jamais se consolidou, nem mesmo como ideário político exótico. O independentismo gaúcho tornou-se uma espécie de fanfarronada inocente, para impressionar paulistas e baianos, em rodas de bar. Elefeneceu sobretudo devido à crescente complexidade da sociedade sulina.

Um século mais tarde, em 1935, o Sul refinava a sua produção primária e desenvolvia a secundária e terciária. O mercado nacional era-lhe imprescindível. O gaúcho tinha que ser brasileiro. Esqueçamos facilmente que a unidade nacional foi favorável para os estados mais dinâmicos. São Paulo abocanhou a parte do leão, mas o RS aproveitou igualmente a reserva do mercado nacional. O Norte e o Nordeste contribuíram certamente para o desenvolvimento sulino.

Hoje, idéias exóticas encontram crescente apoio em nossa sociedade, estressada por dez anos de crise. O separatismo periga crescer e constituir fonte de dificuldade para a sociedade brasileira. Paradoxalmente, o independentismo que germina em algumas regiões do Brasil não assenta raízes ideológicas no passado, mas em fenômenos exteriores às nossas fronteiras.

Os sucessos do Leste europeu constituíram um divisor de águas da história contemporânea. A queda do Muro de Berlim sinalizou um golpe histórico nas propostas universalizantes de reforma social nascidas com a Revolução Francesa, em 1789, e reafirmadas com a vitória soviética, em 1917. Com a derrota das economias planificadas, a capitalização, racionalização, competitividade e rentabilidade das unidades produtivas isoladas e a internacionalização da produção tornaram-se a pedra angular da reorganização mundial em curso.

A crise econômica mundial; a derrota das propostas universalistas e sociais; a internacionalização da economia; a atomização das relações econômicas etc. sugerem soluções territoriais dos problemas sócio-econômicos. Algumas regiões ricas tendem a optar por separarem-se dos territórios atrasados, concentrando recursos e riquezas.

O separatismo das regiões nacionais enriquecidas constitui um fenômeno historicamente novo. No passado, os territórios hegemônicos defenderam uma unidade nacional questionada pelas regiões periféricas, exasperadas por um quase colonialismo interno. A Inglaterra

vergou o independentismo irlandês; o Leste norte-americano obrigou o Sul a permanecer na federação; o reino piemontês conquistou o Meridiano italiano; a Corte brasileira reprimiu o separatismo provincial do Norte, do Nordeste e do Sul etc. Atualmente, vivemos a inversão tendencial desta orientação.

Sugere-se que, no contexto das soluções separatistas, os territórios enriquecidos, em geral importadores de mão-de-obra, relacionariam-se de forma mais “desembaraçada” com os trabalhadores. Estes, anteriormente portadores de direitos sócio-políticos nacionais, passariam à situação de trabalhadores emigrados. Com o fim da solidariedade nacional, estas regiões garantiriam sua prosperidade, cercadas por bolsões de crescente pobreza.

Imaginemos a potencialidade de um micro-estado que abarcasse o vale do Rio dos Sinos, no RS, ou o ABC paulista. A sua capacidade exportadora garantiria a importação de tudo aquilo que não se produzis-

se, a baixo custo. As matérias-primas e a mão-de-obra seriam obtidas, nas melhores condições, nas regiões vizinhas menos desenvolvidas. O mesmo poderíamos dizer de regiões brasileiras despovoadas e ricas em recursos naturais. Estes territórios alcançariam uma alta renda *per capita*. Portanto, chegariam, num passe de mágica, ao primeiro mundo! Mas o separatismo constitui uma miragem. As novas nações liliputianas, ilusoriamente ricas, seriam (e são) obrigadas a vergar-se, despidoradamente, diante dos grandes Estados, no que fosse relativo ao desenvolvimento tecnológico, às relações diplomáticas, às trocas internacionais, à independência nacional etc. Bom exemplo é a Eslovênia, que já constitui um quase protetorado da grande nação europeia que apoiou firmemente a balcanização da Iugoslávia.

Sobretudo grandes nações como o Brasil, debilitadas por graves problemas e possuidoras de regiões desenvolvidas e de espaços atrasados, poderão conhecer fortes movimentos separatistas, caso não encontrem soluções realmente sociais e nacionais para suas dificuldades. Tais forças centrífugas contarão com o apoio de fortes grupos internos e dos interesses externos, que recolherão os frutos da eventual explosão.

* MÁRIO MAESTRI é historiador das UFRGS e da PUICRS

ELISEU CONTINUA ATÉ QUANDO?

No fechamento desta edição, na noite do dia 12 de maio, o ministro da Fazenda, Eliseu Resende, passou com relativo sucesso pela *sabatina* no Senado Federal, onde foi tentar explicar o inexplicável: que não houve favorecimento da Construtora Odebrecht na concessão de um empréstimo ao Peru para financiar uma obra de seu interesse. Amparado por setores conservadores do Senado, o ministro, que dias antes suscitara apoios de algumas entidades empresariais, conseguiu ganhar um pequeno fôlego para continuar no Ministério. Ninguém sabe até quando. A verdade, porém, é que sua perda de credibilidade não só atinge a área econômica, mas o governo como um todo.

A insistência de Itamar Franco em manter o ministro revela mais do que o temor em provocar uma nova crise ministerial, desta vez mais dramática, devido à sua origem ética. O presidente, na verdade, submete-se a pressões das elites na definição de sua política econômica. Não só deixa em situação constrangedora os seus apoios de esquerda e centro-esquerda como se afasta de qualquer saída para a crise econômica que possa interessar à maioria do povo. Não há como evitar a constatação de que o governo Itamar agora parece tomar um rumo. Um rumo que não é rumo e que, ao que parece, só vai aumentar a sua agonia.

Esta edição do *Brasil Agora* é dedicada à memória do jornalista Fúlvio Abramo, falecido no dia 3 de maio, aos 84 anos. Militante socialista desde os anos 20, Fúlvio, um dos fundadores do PT, foi um símbolo de idealismo, coerência e generosidade humana.

○ EDITOR

EM CASA DE FERRAMENTEIRO, ESPETO NÃO PODE SER DE PAU.

Deputado federal recebe favores de empresas, promove escuta telefônica, contrata bate-paus, dá calote num sindicato de trabalhadores... Acusações corriqueiras, não fosse o tal deputado um petista.

Um resumo da história: em 13 de agosto, começou a funcionar uma Comissão de Ética designada pelo Conselho Deliberativo Municipal do PT- Manaus, "com a finalidade de obter o máximo de informações para subsidiá-lo na decisão sobre os filiados Ricardo Moraes de Souza e Raimundo Elson de Melo Pinto, que nos últimos meses, a partir de junho de 1990, foram notícia na imprensa e na televisão como sendo os responsáveis por violências, confusões, quebra-quebras, ações judiciais, estelionato, calote, locupletação, malversação do dinheiro, dilapidação do patrimônio do Sindicato dos Metalúrgicos de Manaus, desrespeito aos princípios éticos do PT e outros".

Oito meses depois, em 7 de abril de 1993, a Comissão de Ética apresentou um relatório de 29 páginas, opinando pela expulsão do deputado federal Ricardo Moraes e do filiado Raimundo Elson de Melo Pinto (ambos ex-presidentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Manaus).

No dia 18 de abril, o Conselho Deliberativo Municipal de Manaus apreciou o relatório da Comissão de Ética e decidiu pela expulsão dos dois filiados. O deputado Ricardo Moraes recorreu ao Diretório Nacional no dia 20 de abril, argumentando que a direção municipal "transgrediu a lei orgânica", que os relatores eram suspeitos, que houve "cerceamento ao direito de defesa" e outras questões do gênero - mas sem contestar o mérito das acusações. Já Elson de Melo Pinto reconheceu, perante a direção municipal de

Manaus, que o relatório da Comissão de Ética é "muito bem elaborado, seria uma sem-vergonhice do partido não tomar uma posição com relação ao que foi dito". E se limitou a considerar injusta "a mesma pena para os dois", já que na sua opinião o deputado Ricardo Moraes "fez um crime de escuta clandestina", podendo "cometer crimes piores".

O *Jornal da Tarde* tomou conhecimento do caso e dedicou generoso espaço ao assunto, a partir do dia 10 de maio, dando destaque não para a iniciativa (pouco comum no Brasil) de um diretório municipal expulsar filiados por quebra de ética, mas sim para o que eles denominam de "convivência" da direção do PT, que "sabia há meses das denúncias" e fez vistas grossas.

Essa acusação é veementemente repudiada pelo deputado federal José Dirceu, designado relator do processo pela Executiva Nacional do PT. Dirceu diz que o Diretório Nacional do PT não tomou nenhuma decisão sobre o assunto, porque ele estava *sub judice* da Comissão de Ética instaurada em Manaus. Dirceu lembra porém que só se conseguiu provas quando o próprio Ricardo Moraes "confessou", à Comissão de Ética, ter praticado os atos de que era acusado. O deputado José Dirceu também refuta as acusações que o próprio Ricardo Moraes lança ao PT: "Não é verdade que nós soubéssemos do ocorrido, nem é verdade que as campanhas de Luíza Erundina ou Suplicy tenham sido financiadas pelos sindicatos".

A Direção Nacional do PT pode adotar duas atitudes diante do ocorrido: ou ratifica a decisão adotada em Manaus, ou avoca o caso, instaurando nova Comissão de Ética.

VALTER POMAR

TRECHOS DO RELATÓRIO DA COMISSÃO DE ÉTICA

"Ricardo Moraes, usando um pé-de-cabra, quebrou o cadeado do portão (do sindicato) para poder entrar." "Ricardo Moraes confessa que de fato comprou na Polifer um jogo completo para escritório, incluindo mesa, cadeiras e um freezer; que não usou o seu nome porque foi orientado pela vendedora a usar o nome do PT, que já tinha crédito com a citada empresa." A dívida não foi paga. O calote passou a ser notícia na Câmara de Vereadores e na imprensa. "Não era o nome de Ricardo que estava sendo divulgado como o devedor, mas o do PT."

"Ricardo confirmou que colocara sistema de escuta no Sindicato dos Metalúrgicos."

"Ricardo confirma que estava recebendo de dois lugares: do sindicato e da empresa Philips, para a qual trabalhava. Perguntado se achava correto estar recebendo de dois lugares, Ricardo respondeu que sim, porque os trabalhadores que lutam em defesa dos interesses de classe devem receber muito mais, porque colocam em risco suas vidas."

"O PT não pode deixar de discutir e aprofundar o comportamento e seus desdobramentos do ponto de vista ético. É bom lembrar que Elson e Ricardo são dois dirigentes. Um é presidente regional e parlamentar do partido. O outro foi presidente da CUT estadual e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, um dos maiores do país."

"Só há uma maneira de superarmos esta situação, é mostrando as providências, inclusive dizendo onde o partido tem, verdadeiramente, culpa. É preciso notar que o partido conviveu, por muito tempo, com os fatos, sem tomar providências. Questões de 1985, 1988, 1990, não foram resolvidas na sua época. Por quê?"

"O PT deve conviver com as falhas, comportamentos e idéias dos seus militantes, sem entretanto comprometer a linha e a imagem do partido. O erro existiu, imediatamente o partido deve tomar providências, nunca acumular, pois não ajuda o militante, nem o próprio partido. Ricardo e Elson foram 'vítimas' desta 'convivência pacífica' com os erros, que a história interna do partido registra. O partido não pode cair outra vez neste erro."

À espera da terceira via

Em entrevista a Mouzar Benedito, o 1º vice-presidente da Confederação Nacional das Indústrias, Mário Amato, ex-presidente da Fiesp, revela que não está entre os empresários eleitores de Lula. Nem de Maluf. Adepto de uma "terceira via" (desde a eleição passada, quando considerou Collor esta opção), ele acha que a função de Lula seria a de moderador da esquerda, e a do PT, "educar" os trabalhadores para um relacionamento harmonioso com os empresários.

O empresariado já trata o Lula como uma pessoa até aceitável. Quem mudou: Lula ou os empresários?

Eu acho que mudaram as duas partes. Nós, empresários, entendemos que sem a parceria com o trabalhador - a exemplo do que está acontecendo no Japão e em outros países - nada prospera. Daí a convicção de que precisamos dos trabalhadores. Agora, é preciso que haja a mesma convicção dos trabalhadores, de que sem empresários não há como funcionar. O mundo mudou. Esse processo estatizante é uma coisa que não funcionou. É uma época nova, pode ser até que venha a mudar novamente. É no meio que está a razão, nem no lado muito direito nem no esquerdo. Uma coisa que eu venho pregando é a harmonia entre capital e trabalho. O Lula, hoje, com sua nova compreensão, tirando aquele viés ideológico que ele tem, poderá ser útil para a nação, talvez não como presidente da República, mas como homem moderador, com poder moderador, para alcançar o desenvolvimento do país através da harmonia entre capital e trabalho. Para que haja progresso, é preciso ter produção. Para que haja produção, é preciso ter trabalhador, mas é preciso empresário. Empresário talvez seja uma coisa que vocês abominam, mas sem ele

não há progresso, porque ele é necessário em todas as nações.

Como seria esse poder moderador que o Lula teria, sem ser presidente?

São duas coisas importantes: os direitos e os deveres. Sem as duas coisas equilibradas, não funciona. Eu tenho repetido que são duas engrenagens: quando uma cresce, a outra é obrigada a dar mais voltas. E a harmonia existe quando as duas engrenagens funcionam concomitantemente. Quer dizer, direitos sacrossantos, respeitados, com salários dignos etc. Mas isso só é possível quando você tem produção. Embora esteja afastado da produção, o Lula tem que começar a voltar às origens da produtividade, ter mais contato com os empresários, e fazer esse equilíbrio.

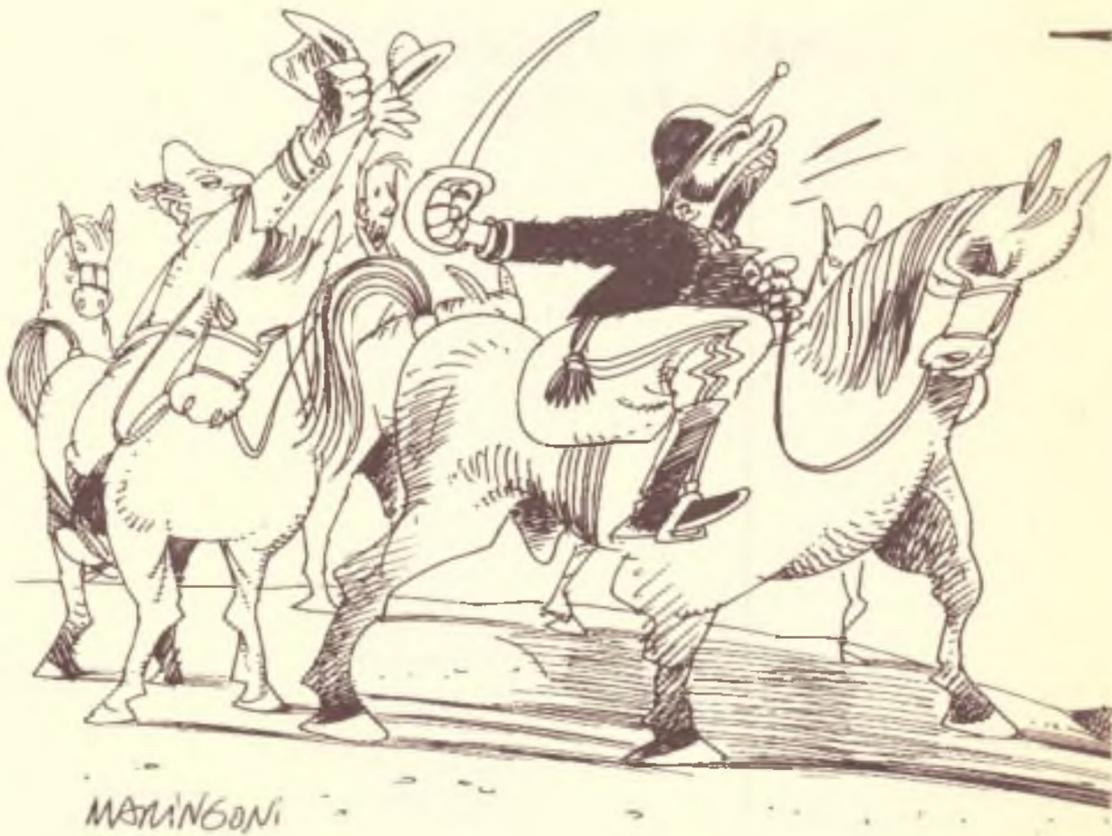
Por isso ele é o homem que poderá mudar esta nação, não como presidente da República, mas como homem que vai interferir nisso.

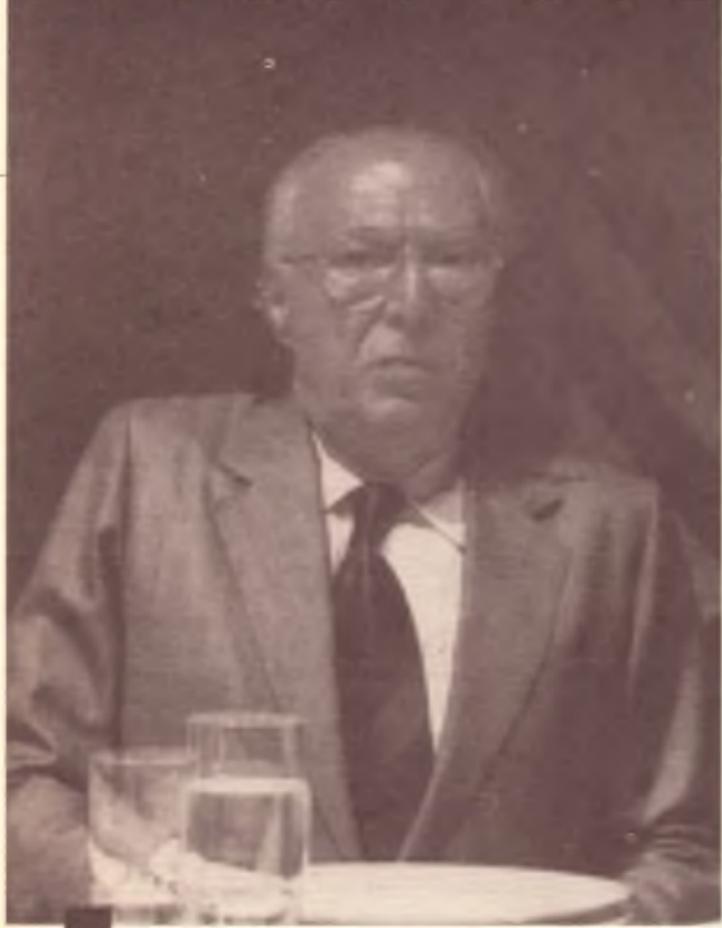
Por exemplo: a saúde não funciona, a educação não funciona, o salário-mínimo é fraco, a produtividade é fraca. Por que nós, capital e trabalho, que somos vítimas do processo de corrupção - onde também o empresário está envolvido -, por que não fazemos alguma coisa? Por que vamos deixar que os políticos administrem o país? Vamos nós induzir os políticos a administrar o país em consonância com aquilo que o trabalhador precisa e que o empresário precisa.

Como o senhor vê a declaração do Olavo Setúbal, de que a consolidação do PT é muito importante para a sociedade?

O PT é importante - não o PT ideológico, o PT com ideologia burra, mas o PT produtivo, o PT cidadão, o PT patriota, o PT estudando as causas, não chegando a dizer "eu sou contra, eu não vi e não gostei", entende? Há pessoas que não ouvem, há pessoas que ouvem

Lula poderá ser útil, não como presidente, mas como moderador, para alcançar a harmonia entre o capital e o trabalho.





Numa final entre Maluf e Lula, não votaria em nenhum dos dois. Acho que tem que aparecer uma terceira via.

mas não entendem, e há pessoas que ouvem, entendem, mas fazem o que querem, que é o que eu acho que o PT faz hoje, o PT moderno. Mas é preciso que ouça, que entenda, e que faça em harmonia com os interesses das duas partes; aí então nós encontraremos uma solução para o país. Por isso, o Olavo Setúbal tem razão, o PT é uma necessidade. No passado, não havendo o PT, o capitalismo selvagem prosperou. Agora existe o sindicalismo selvagem. Vamos encontrar uma solução.

Se o Lula for presidente algum dia, vai ter que fazer a reforma agrária. O que o senhor pensa disso?

A reforma agrária precisa ser feita. Mas o simples fato de dar a terra não resolve o problema. Você precisa dar a terra a quem saiba lavrar a terra, tirar proveito da terra, e precisa dar assistência, senão não adianta nada. Você vê o caso lá de Rondônia. Receberam terra e estão devolvendo, não sabem o que fazer.

E a questão do mínimo? O Barelli falava que o mínimo necessário pra viver é 700 dólares? E agora tem como meta para este ano chegar a 200 dólares...

O Barelli está caindo na realidade. Uma coisa é falar, e

outra coisa é realizar. O italiano diz que "entre o falar e o realizar tem um mar para atravessar". Se você pudesse melhorar as condições de vida do trabalhador simplesmente fazendo um decreto de "pague tanto", não haveria país pobre.

E qual é a proposta dos empresários para baixar os juros e a inflação?

Esse governo Itamar é muito honesto. Agora, ele quer fazer mas não sabe como. Ainda não encontrou a forma de fazer, porque recebe muita crítica e ele precisa ser motivado e incentivado, o que não se faz. A imprensa ataca de um lado, o PT ataca do outro, os interesses políticos, o fisiologismo político não deixam ele prosperar naquilo que é mais importante, que é fazer alguma coisa para as classes menos favorecidas. Isso é evidente. Não postulo cargo nenhum, não preciso agradar a ninguém, não tenho dívidas com bancos oficiais, nem nada. O que acontece é que o governo faz duas coisas pra pagar as dívidas dele. Ele tem que mexer na maquininha de fazer dinheiro, e com isso ele avilta a moeda, fazendo emissão. Em segundo lugar, como ele não tem dinheiro, é obrigado a vender os títulos. Pra vender os títulos, ele precisa dar o juro alto, o juro não pode abaixar. O Brasil é o país onde o empresário tem o menor endividamento do mundo, porque qual é o negócio que dá 30% ao mês? Então o banqueiro é vítima do processo... Ele não é vítima, mas se beneficia do volume. Se a inflação é 30, ele ganha 5% sobre 30; se a inflação é 10, ele ganha 5% sobre 10, então reduz.

Numa final de eleições para presidente, se desse Lula x Maluf, em quem o senhor votaria?

No momento, eu não votaria em nenhum dos dois. Primeiro porque eu acho que o Maluf tem que acabar aquilo que ele começou, tem que ficar na prefeitura o tempo suficiente. Prometeu, tem que ficar. Em segundo lugar, quando eram candidatos o Lula, Covas, Afif, Brizola... a Federação das Indústrias fez uma pesquisa com 3.800 pessoas, para saber o que o povo queria. Eles queriam um jovem dinâmico e trabalhador, que tivesse experiência administrativa, que tivesse honestidade, uma vida pregressa intocável, que tivesse boa saúde e com idéias nem de direita, nem de esquerda: um homem de centro. Daí começaram a aparecer os nomes, e deu Collor. Porque a mídia, a propaganda diziam que ele tinha acabado com os marajás. Tinha sido prefeito, tinha sido político, governador, era jovem, tinha saúde... e ele teve um marketing maravilhoso. Veja que o povo vota certo, não vota errado... Por isso eu acho que o candidato que se apresentar com essas condições vai ganhar.

O PT ouve e entende, mas faz o que quer. É preciso que faça em harmonia com os interesses.

O senhor é, então, por essa chamada "terceira via"?

Não sei. Acho que é muito cedo. Agora eu não me manifestaria, mas acho que tem que aparecer uma terceira via, um candidato com essas condições, porque o povo não muda, o povo está querendo isso. E que não seja um político desses carregados de uma cultura fisiológica.

Aquela sua afirmação, na eleição passada, de que 800 mil empresários sairiam do Brasil se o Lula ganhasse, o senhor repetiria na próxima eleição?

O que aconteceu foi o seguinte: quando estive aqui o Mário Soares, ele fez um apelo dramático, num almoço com umas 400 pessoas. Ele disse que Portugal era um país que podia se dizer entre o capitalismo e o socialismo temperado, e que, daqueles 80 mil empresários que fugiram de Portugal, por conta da Revolução dos cravos, 40 mil já tinham voltado. E ele esperava que alguns dos outros 40 mil - muitos deles estavam no Brasil, estavam

O governo Itamar é honesto. Agora, ele quer fazer mas não sabe como.

lá naquele almoço - voltassem, que Portugal agora estava numa nova ordem, uma nova disciplina... Então eu disse: "Tenho medo que aconteça a mesma coisa no Brasil, com a vitória do Lula". E completei: "Mas no Brasil é dez vezes mais". Virei as costas e fui embora, e ficou 800 mil. Eu não tenho nada contra o Lula. Eu quero que saibam o seguinte: eu considero o Lula um homem inteligentíssimo, que tem determinação, que tem muita vontade de acertar. O Lula tem todas essas características, é honesto, até hoje provou que é honesto.

Um homem que tem determinação de partido, isso é muito importante. Você veja: ele ficou contra a Erundina, que é uma pessoa importante no partido! Ele era parlamentarista, o partido decidiu que tinha que ser presidencialista, ele mudou, quer dizer, ele obedece o partido. Mas ele ainda tem um viés demagógico, que não precisa mudar, precisa ser moderado, porque não é com voluntarismo que se conseguem as coisas.

INDEPENDÊNCIA
OU MORTE!

AH... NÃO DA' PRA FICARMOS NESSES EXTREMOS...

TEMOS QUE BUSCAR UMA TERCEIRA VIA...



O CENTRO EMOLOU

Quem esperava que a imprensa fosse tratar bem a candidatura Lula, além de idiota, não deve estar entendendo o que se passa. No curto espaço de três semanas, *Veja* atacou "a demagogia eleitoreira" da Caravana da Cidadania; a *Folha de S. Paulo* criticou o populista "sangue de cristo" e o mal educado que xingou a mãe do presidente; o *Jornal da Tarde* destacou a expulsão, pelo Diretório Municipal do PT-Manaus, do deputado federal Ricardo Moraes (ver matéria nesta página); e o *Globo* repercutiu a divisão na Executiva Nacional da CUT (ver matéria na página 11). Isto para não falar do ataque ao Movimento dos Sem Terra, a cobertura da greve geral estudantil etc.

A sanha anti-PT, contudo, não consegue resolver o principal problema das elites: a falta de um candidato que encarne a chamada terceira via. Bem que o PSDB se esforça nesse sentido - apesar da oposição de deputados como Tuga Angerami, Sigmaringa Seixas e outros, que não descartam um acordo com o PT. Ocorre que uma "terceira-via" depende, em boa medida, da disputa interna no PMDB, sem o qual não haverá tertius de sucesso.

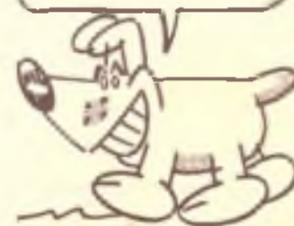
E o PMDB decidiu adiar a decisão. Só vai eleger seu presidente em setembro, na tentativa de, até lá, firmar um acordo entre os caciques. A questão é que a renúncia de Quêrcia embolou o meio de campo, pesando como uma espada de Dâmocles sobre as cabeças de gente como Fleury, ou o chamado grupo gaúcho do PMDB, que vem posando de paladino da moralidade.

A quem serve a terceira via? Serve ao esquema de poder que, desde a ditadura, passando pelos governos Sarney, Collor e, agora, Itamar, governa o país. É por isto que o deputado federal José Dirceu (PT-SP) diz que o PSDB está desempenhando "um dos piores papéis na história do Brasil, num gesto inominável, indecente, servindo a uma manobra das elites".

E o PT? "Ao PT cabe derrotar a terceira via", diz Dirceu. O que é facilitado pela crise do governo Itamar, que não resulta do "açodamento dos candidatos presidenciais", mas sim dos vínculos que o atual governo mantém com o anterior. Eliseu que o diga.

A crise está tão aguda que já se comenta, abertamente, sobre as vantagens de uma renúncia do presidente. Diante disto, resta perguntar: o que fazem neste governo Erundina, Barelli, Jamil e quetais? Garantindo a governabilidade?

TERCEIRA VIA É ASSIM: NEM ESQUERDA NEM DIREITA. COLUNA DO MEIO, NEGA?



Sérgio Paranhos Medeiros?

A atuação do governador traz à memória alguns de seus xarás

Ninguém tem culpa (nem mérito) pelo nome que tem. Os pais põem nomes em homenagem aos seus ídolos, que depois revelam-se bandidos (há gente chamado Hitler, no Brasil, em homenagem ao próprio), ou, às vezes, o filho é completamente diferente do ídolo do pai que lhe deu o nome. Há, por exemplo, muitos caras de direita chamados Lênin. No caso de sobrenome, então, às vezes se identificam todos os seus portadores com algum herói ou bandido.

Fleury, por exemplo, foi durante um bom tempo, no fim dos anos 60 e na década seguinte, sinônimo de torturador, assassino de presos políticos e daí pra pior, por causa de Sérgio Paranhos Fleury, delegado do Dops. E quem tinha este sobrenome era olhado meio como "suspeito", sem ter culpa nenhuma, apesar de ter Fleury até do outro lado: um militante da antiga Polop (organização de esquerda dos anos sessenta), morto pela repressão, tinha este sobrenome também.

Pois é. Quando Luís Antônio Fleury Filho candidatou-se a governador, com um passado ligado à polícia e à Justiça, muita gente torceu o

CARICATO



nariz. "O que tem ele a ver com o outro Fleury?" Nada, dizia o pessoal do PMDB.

Agora temos aí a polícia de Fleury matando como nunca. Eficiência, dizem os que são a favor de matar os "bandidos" (ainda que nem sempre a polí-

dores de duas áreas básicas da sociedade, saúde e educação, permanecem numa greve prolongada, recebendo ameaças do governador, em vez de propostas mais aceitáveis. A posição do governador em relação aos trabalhadores é algo que não honra ninguém. Em vez de ver o que realmente acontece com eles, chama suas greves de "políticas", atribuindo-as a interesses do PT e da CUT.

Por tudo isso, reafirmando que ninguém tem culpa pelos xarás inglórios, afirmo também que Fleury, o Luís Antônio, está cada vez mais parecido com Fleury, o Sérgio Paranhos. E Luís Antônio, o Fleury, está cada vez mais parecido com Luís Antônio, o Medeiros.

cia mate realmente bandidos...).

O momento de glória dessa política de morticínio, parece, foi a matança de 111 presos no Carandiru. A Anistia Internacional incluiu o governador Fleury entre os culpados. E ele ligou para isso? Ao contrário. Logo em seguida, uma atitude sua foi afastar o delegado que descobria bandidos dentro da própria polícia. O cara que levava a sério o papel de "polícia da polícia".

Enquanto isso, trabalha-

MOUZAR BENEDITO



Atenção Militantes e Diretórios

A Loja Treze sempre trabalhou e trabalhará para melhor servir este público tão importante.

Mas hoje se vê obrigada a fazer um aumento em seus materiais para poder continuar atendendo a quantidade e a variedade.

Esperamos contar com compreensão de todos.

O nosso muito obrigado.



LOJA CDM - PT - SP

Rua Pedro Taques, 70 - Consolação. Tel 37-6651

A LOJA TREZE APRESENTA AQUI ALGUNS DOS LIVROS À DISPOSIÇÃO

01 - CAMARADA E AMANTE - CARTAS DE ROSA LUXEMBURGO E LEO JOGICHES - PAZ E TERRA	2ª ED. \$ 357.000,00
02 - O COLAPSO DA MODERNIDADE BRASILEIRA - CRISTOVAM BUARQUE - PAZ E TERRA	3ª ED. \$ 271.000,00
03 - O COLAPSO DA MODERNIZAÇÃO - ROBERT KURZ - PAZ E TERRA	2ª ED. \$ 478.000,00
04 - CUT - ONTEM E HOJE - VITO GIANNOTTI E SEBASTIÃO LOPES NETO - VOZES	1ª ED. \$ 240.000,00
05 - DEMOCRACIA OU REFORMAS? (1961 A 1964) - ARGELINO CHEIBUB FIGUEIREDO - PAZ E TERRA	1ª ED. \$ 406.000,00
06 - DEPOIS DA QUEDA - FRACASSO DO COMUNISMO E O FUTURO DO SOCIALISMO - ROBIN BLACKBURN - PAZ E TERRA	2ª ED. \$ 558.000,00
07 - ESTRATÉGIA - UMA SAÍDA PARA A CRISE - CÉSAR BENJAMIN E OUTROS - BRASIL URGENTE	1ª ED. \$ 190.000,00
08 - GOVERNAR PARA TODOS - EMIR SADER - SCRITTA	1ª ED. \$ 230.000,00
09 - HISTÓRIA DE UM MASSACRE - CASA DE DETENÇÃO DE SP/MARCELLO LAVENERE MACHADO OAB CORTEZ	1ª ED. \$ 240.000,00
10 - INTELLECTUAIS E SINDICALISTAS - A EXPERIÊNCIA DO DIEESE - 1955 A 1990 - HUMANIDADES	\$ 430.000,00
11 - A LÓGICA DA DIFERENÇA - PT NA CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA - MARGARET E. KECK - ÁTICA	1ª ED. \$ 520.000,00
12 - O MODO PETISTA DE GOVERNAR - ORG. JORGE BITTAR - TEORIA E DEBATE	2ª ED. \$ 160.000,00
13 - PT - A FORMAÇÃO DE UM PARTIDO - 1979/1982 - RACHEL MENEGUELLO - PAZ E TERRA	1ª ED. \$ 388.000,00
14 - PRA QUE PT? - ORIGEM, PROJETO E CONSOLIDAÇÃO - MOACIR GADOTTI - CORTEZ	1ª ED. \$ 405.000,00
15 - PT - UM PROJETO PARA O BRASIL - ECONOMIA - SEMINÁRIO SP/ABRIL/89 - BRASIENSE	1ª ED. \$ 450.000,00
16 - PT E O MARXISMO - AUGUSTO DE FRANCO E OUTROS - TEORIA E DEBATE	1ª ED. \$ 60.000,00
17 - PT EM MOVIMENTO - FLORESTAN FERNANDES - CORTEZ	1ª ED. \$ 125.000,00
18 - QUASE LÁ - WLADIMIR POMAR - BRASIL URGENTE	1ª ED. \$ 170.000,00
19 - REVOLUCIONÁRIOS - ERIC J. HOBBSBAWN - PAZ E TERRA	2ª ED. \$ 476.000,00
20 - AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA - EDUARDO GALENO - PAZ E TERRA	35ª ED. \$ 588.000,00

DESEJO RECEBER O(S) LIVRO(S) Nº _____

ESTOU ENVIANDO CHEQUE À ASSOCIAÇÃO PAULISTA DOS TRABALHADORES, NO VALOR DE CR\$ _____

SEDEX QUE SERÁ COBRADO QUANDO CHEGAR O(S) LIVRO(S) NO CORREIO DE MINHA CIDADE.

QTDE.	PRODUTOS	CR\$/UNID.	CR\$/TOTAL
	Estrela Plástica	5.000,00	
	Estrela Alumínio	15.000,00	
	Estrela Metal Solda Peq.	25.000,00	
	Estrela Metal Cola Peq.	22.000,00	
	Estrela Metal Solda Med.	30.000,00	
	Estrela Metal Solda Gde.	40.000,00	
	Estrela Metal Cola Gde.	30.000,00	
	Estrela Metal Solda Med. Lilás	30.000,00	
	Broche Dourado Estrela Red.	45.000,00	
	Broche Fundação PT e CUT	45.000,00	
	Broche Pingente PT	25.000,00	
	Broche Bandeira PT Bras. e LULA	40.000,00	
	Broche LULA (4 modelos)	35.000,00	
	Broche fotográfico 13 anos PT	12.000,00	
	Canetas PT	25.000,00	
	Caneta PT/LULA	15.000,00	
	Chaveiro Couro PT	70.000,00	
	Chaveiro Metal PT/Opteí/CUT/estrela	40.000,00	
	Adesivo Estrela	10.000,00	
	Bonê Lula Brasil	180.000,00	
	Chaveiro Metal PT LULA ret.	45.000,00	
	Chaveiro Plástico	15.000,00	
	Lapela Alfinete Red. peq.	20.000,00	
	Lapela Alfinete Ret. peq.	22.000,00	
	Lapela Alfinete Red. med. dourad.	25.000,00	
	Adesivos diversos	12.000,00	
	Bonê	150.000,00	
	Camisetas diversas brancas	150.000,00	
	Camisetas OPTEI Bordada Verm.	300.000,00	
	Brinco PT - redondo	45.000,00	
	Broche Bandeira - Banho de ouro	65.000,00	

PREENCHA O CUPOM ABAIXO E MANDE JUNTO COM SEU PEDIDO

Nome: _____

End.: _____

Nº _____

Apto.: _____

Bairro: _____

Município: _____

Est. _____

CEP: _____

Fone: _____

Entidade e/ou Nome do Resp.: _____

Condições de pagamento à vista
Acima de CR\$ 2.000.000,00 - 20% de desconto

Acima de CR\$ 3.500.000,00 - 25% de desconto
Acima de CR\$ 7.000.000,00 - 30% de desconto



C A P A ISTO É BRASIL

Nesta e nas três páginas seguintes, apresentamos um conjunto de matérias sobre um problema que atinge 60 milhões de brasileiros: a fome. A concentração de renda e da propriedade da terra, ao lado da recessão

econômica, que já dura mais de uma década, estão na raiz deste verdadeiro escândalo no país que já foi considerado o virtual "celeiro da humanidade". As soluções existem, como mostra o Programa de Segurança Alimentar proposto por Lula e aceito ao menos formalmente pelo presidente Itamar Franco. O problema é que a história do Brasil parece marcada pela falta de vontade política dos governantes e pelos interesses no poder econômico, que sempre viraram as costas para a miséria de milhões de brasileiros. Nos últimos meses, contudo, os esforços de Lula e de personalidades como Betinho começam a apresentar alguns sinais animadores. Algumas de nossas matérias e o conjunto de fotos publicadas nas páginas 7, 8 e 9, que integram um ensaio do fotógrafo paulista Val Inamini, têm o propósito de simbolizar esta tragédia brasileira, para além dos números e das análises.

Não há como negar a sensibilidade do governo Itamar ao problema da fome. Mas não há como negar, também, que é um governo débil." Quem diz isso é o economista Renato Maluf, relator do Plano de Segurança Alimentar, do Governo Paralelo do PT (veja resumo do plano na página 10). Para ele, "o que existe é um amontoado de ações dispersas".

Para Renato Maluf, toda a mobilização da sociedade que está havendo teve como resultado, até o momento, a criação pelo governo do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, presidido pelo próprio presidente da República e composto por representantes de setores da sociedade civil, como sindicatos, entidades de classe e igrejas, por técnicos e sete ministros. Entre esses membros, destaca-se o sociólogo Herbert Souza, Betinho (ver matéria na página 10). Mas até o momento do fechamento desta edição o conselho não havia se reunido ainda pela primeira vez, o que estava marcado para a quinta-feira, dia 13.

Uma primeira iniciativa do governo foi pedir propostas ao seu ministério, mas o que recebeu dele foi um elenco de atividades já desenvolvidas e que os ministros consideram relacionadas com a questão da fome. Nada de mais concreto. Por isso, Renato Maluf acredita que todo o esforço que está sendo feito pode acabar apenas num conjunto de iniciativas dispersas, sem grandes resultados. "Mas pode dar também em alguma coisa", continua, "dependendo do que acontecer daqui pra frente." Ele espera, por exemplo, atitudes mais efetivas do governo na questão das denúncias de irregularidades que pesam sobre o setor de abastecimento do próprio governo, desde o tempo de Collor. Se não forem apuradas as irregularidades, continua o clima de suspeita sobre a área e não haverá sequer confiabilidade para qualquer plano que a envolva.

PRIMEIRA ATITUDE. Segundo o economista, uma primeira atitude do governo - a única até agora - foi a descentralização da merenda escolar, que só terá algum resultado se forem destinados recursos orçamentários para isso.

Embora defendendo ações tipicamente assistencialistas, como a distribuição de alimentos, "necessária até para essa população recuperar a dignidade", Renato Maluf afirma que isso não basta: é preciso associar o combate direto à fome com uma política mais geral. Sem acabar com a recessão, por exemplo, a fome sairá vitoriosa contra qualquer plano. Essa política mais ampla tem como pré-requisito a recuperação de empregos e salários. E é preciso "retirar um pouco de quem tem muito e dar para quem não tem". Aí entra também a parte dos empresários. "Alguns empresários reagem com simpatia e até oferecem apoio, mas são manifestações genéricas, sem nada mais consistente."

Os empresários que falam em participar mais efetivamente do combate à fome pedem, às vezes, isenção de impostos para, assim, "gerar mais empregos". Uma atitude de quem não quer dar um pouco, mas, ao contrário, tirar casquinha a mais nas verbas de combate à fome. Além disso, Renato Maluf lembra que "é da ação concreta deles que a miséria foi gerada".

MOUZAR BENEDITO



UM PLANO AINDA A SER FEITO

Para economista, o governo só tem ações dispersas contra a fome.



VIRANDO LATAS

Recessão anterior. Era nos fins de 1983, há quase dez anos. Cheguei a Osasco, onde já tinha trabalhado quatro anos antes, e estranhei principalmente uma coisa em seus bairros de periferia: antes eram cheios de cachorros vira-latas e agora (em 1983) andei muitos quarteirões sem ver nenhum. "Estão comendo os cachorros", pensei. Cerca de 60 mil trabalhadores (de um total de 250 mil) estavam desempregados e, portanto, não seria de estranhar que a fome lhes obrigasse a se alimentar do "melhor amigo do homem".

Mas aí vi um cachorro. Magrinho, esquelético. Depois outro, outro e mais outros... Todos magrinhos, esqueléticos. Dariam no máximo para uma sopa, nunca para comer. Mas não vi ninguém querendo comer cachorro. O que vi foi o dono de uma padaria jogar em dois tambores de lixo as sobras de doces velhos, misturadas com o lixo. Aí, várias pessoas - homens, mulheres e crianças - que circulavam por ali fingindo distração, correram para os tambores. Uns catavam doces, outros lambiam papéis que envolviam picolés... e os cachorros que tentavam pegar uma sobra eram espantados, chutados. Os tradicionais vira-latas perdiam na luta pela comida com os novos vira-latas, gente. Por isso muitos deles tinham morrido ou fugido, e os que restavam estavam tão magros.

MOUZAR BENEDITO

Opulência ou miséria, qualé? Ambas estão nas ruas e nos transeuntes, de carro ou a pé. É dinheiro, é degradação, ostentação ou exibição. Em guerra. Uma estranha cara tapada, a mulher que sai do buraco, a comédia do dorminhoco na praça à frente de Carlitos, o velho no meio do lixo são fragmentos de sonhos e perspectivas do garoto ao chão, exibindo um prato vazio. É como a fome pode ser vista no Brasil.

NAS RUAS, O RETRATO DA FOME

Três histórias: Valter Aparecido de Araújo, 20 anos, negro, pedreiro desempregado há dois anos, vive na rua desde que a mãe morreu e ele brigou com o padrasto. Foi minerador num garimpo de Porto Velho, com orgulho, diz que já encontrou muitos colegas do garimpo nas ruas de São Paulo. Dia 4 de maio subiu no caminhão com alto-falante, da passeata dos homens de rua, na capital paulista, e comparou o Brasil ao Vietnã: "Devíamos usar as nossas terras, que são 80% aproveitáveis, para combater a fome, como fazem os vietnamitas, e não deixar que esta população se perca sem rumo pela cidade", diz.

A segunda: Marcelo Aparecido da Silva, há quatro anos na rua, tem 22 de idade e saiu de casa aos 16, quando a mãe morreu e o padrasto e onze irmãos se separaram. Era ajudante em uma pequena indústria de São Bernardo. Perdeu o em-

prego, o rumo, e hoje cata papel e divide um lugar debaixo do Minhocão (Elevado Costa e Silva), no centro de São Paulo, com outros quatro colegas. "Não peço esmolas, vendo papelão e vou à luta, ganho Cr\$ 2 milhões por mês", afirma.

A terceira, uma história de amor: Donizeti Cândido Mendes, 36 anos, e Fátima Mendes Santana se conheceram nas ruas há três anos, quando ela deixou a casa onde, mãe solteira, trabalhava e sofria abusos sexuais do patrão, que não a pagava direito. Retirou duas crianças da Febem e o patrão não a deixou levá-las para casa, onde morava e trabalhava. Na delegacia, a autoridade convenceu o patrão a dispensá-la. Há três anos conheceu Donizeti, garçom profissional, rádioamador, que perdeu o emprego num corte na empresa onde trabalhava, há três anos e meio, e nunca mais conseguiu outro. "Cato e vendo papel e papelão e moramos num barraco atrás

do metrô Brás, sem água, luz e esgoto. Não podemos sequer acender velas para não pegar fogo", diz.

MISÉRIA E LOUCURA. Outras histórias de homens de rua misturam fantasia, realidade e frustrações. Até loucura. Wilson Roberto de Carvalho, 40 anos, há quatro na rua, diz que a mulher e o filho morreram em acidente quatro anos atrás, e ele, sentindo-se um "falsificador de trabalho", depois de cinco anos, deixou o emprego. Encontrou na Casa de Convivência Niouac, no Glicério, que tenta organizar os homens de rua que catam e vendem papel. É o que faz Maria Izabel, como Eliseu Martins de Laio, 43 anos, há 23 na rua, que deixou a família porque não concordava com o irmão, e Valter dos Santos, 32 anos, com terceiro colegial, que vive na rua "porque queria viver em liberdade". Os três catam papel e dão "achaque" (pedem esmolas).

Muitos são os caminhos que levam alguém a viver nas ruas, segundo o padre Mariano Goióski, da Casa de Convivência do Brás. "Eles são milhares na cidade de São Paulo", diz a freira Ivete de Jesus, da Comunidade dos Sofredores de Rua, referindo-se à maior cidade da América Latina (conforme a ONU, a segunda metrópole do mundo). Os homens de rua são uma mistura do descaso oficial, do desemprego, desagregação familiar, frustração psicológica, perda da auto-estima e esforço para sobreviver. "Mas não são os mais famintos", diz a freira, que aponta a existência de mais de quatro milhões de favelados na cidade de São Paulo.

O padre Mariano, que viu o número de usuários da Casa de Convivência do Brás duplicar de "80 em dezembro para 160 em março", lembra que, no início da década, o sociólogo Hélio Jaguaribe afirmou que 70% da população brasileira era pobre e 30% aproximava-se da linha de mi-

séria absoluta. "A pobreza aumenta e se reproduz", diz Mariano. O padre Arlindo Pereira Dias, da Casa de Convivência do Povo da Rua, afirma: "80% dos moradores da rua são desempregados que, após o Plano Collor, sofreram com demissões e aumentos de aluguel. São filhos da recessão mesmo", sentencia.

QUEM SÃO ELAS. Conforme o livro *Populações de rua* (Editora Hucitec), feito pela última administração paulistana, 92% dos moradores de rua são homens, menos de 10%, mulheres e crianças; a metade é de brancos, 30% são negros e 20% "pardos". A maioria tem carteira profissional, é recém-desempregada, principalmente da construção civil, e suas idades variam entre 20 e 40 anos. Uma pesquisa em 162 pontos de pemoite da capital mostrou que 27,2% vive assim há seis meses, 64% há mais tempo e 24,6% há mais de cinco anos.

A metade desta população é da região sudeste do país, (30% da

é da capital ou interior paulista) e só 38% são nordestinos.

BOCAS DE RANGO. Eles dormem sob viadutos, pontes e marquises, praças e calçadas, em mais de 200 lugares, onde se utilizam de latas velhas para requestrar ou preparar restos de comida encontrada no lixo ou recolhida nos finais de feiras para ser preparada coletivamente. Esta, aliás, é uma das atividades da Comunidade dos Sofredores de Rua, que reúne os homens de rua da região do Glicério, zona central, para juntos, catar os restos da feira de quarta-feira e depois preparar o almoço às 13 horas, uma vez por semana. Aí é o que eles chamam de "boca de rango". Aliás, elas são várias pela cidade. As entidades filantrópicas - privadas ou religiosas, ligadas à Igreja Católica, Metodista, Coreana, Presbiteriana ou à Federação Espirita do Estado de São Paulo - distribuem comida para os moradores da rua.

Em geral dão um prato de sopa e pão, ao contrário da Comunidade dos Sofredores de Rua, que transforma a busca da comida numa atividade de reconstrução da dignidade dos andarilhos. Nas várias bocas de rango, na Federação Espirita, no centro, na Praça Clóvis, no Largo Santa Cecília, na praça Júlio Mesquita, na Mesbla da avenida do Estado, na zona sul, ou em qualquer uma das 26 espalhadas da cidade, é possível encontrar não só homens de rua como também trabalhadores assalariados, que aproveitam a "boquinha" para conseguir uma refeição de graça.

O exemplo mais flagrante disto é o Mesão, no Largo do Paissandu, centro de São Paulo. Aí, a comida é vendida indistintamente para trabalhadores e homens de rua a um preço impressionante: o sarapatel custa Cr\$ 11 mil cruzeiros, opicadinho Cr\$ 10 mil, a pinga Cr\$ 4 mil e o vinho Cr\$ 9 mil cruzeiros.

HAMILTON CARDOSO

No Brasil, a ostentação virou um modo de manter o poder político. Ostentando se domina. Quem ostenta humilha, e humilhar é a mais suprema vaidade do poder, da hierarquia social. O problema é que a gente tem sido cúmplice disso. Para (tentar) explicar por quê, começo a discussão pelo avesso, falando de algo que foi proscrito do nosso vocabulário: o amor ao próximo.

Quer uma frase que caiu em desuso? Aqui está: "É de cortar o coração!" Virou cafonice. Você vê uma família inteira dormindo na calçada, em jornais de anteontem, uma garotinha de 4 anos pedindo esmola, diz que está sem trocado, e sente "cortar o coração". Saiu de moda. A compaixão morreu.

Eu nem sei, às vezes penso que talvez tenha sido bom, no fim das contas. É só lembrar o cacarejo daquelas antigas senhoras filantrópi-

A TENTACÃO DA OSTENTAÇÃO

cas, suas sobranceiras feitas a lápis e seus maridos poderosos; a gente conclui rápido: ainda bem que morreu a compaixão. A "caridade" profissional das esposas dos tiranos e o discurso tão pio que elas tinham (têm) dão asco. Pra gente assim, os excluídos sociais é que fazem a verdadeira caridade. A simples existência dos excluídos, dos miseráveis, dá a elas a razão de ser da filantropia de chá das cinco. Sem miséria, elas engordariam ainda mais, não teriam nada para fazer. A miséria é o passatempo que lhes salva a vida. Elas consomem a miséria, têm um prazer inominável quando entregam uma peça de roupa velha para os despossuídos. Por aí, é mesmo muito bom que a compaixão tenha morrido. Morrem com

ela alguns dos cacoetes das damas caridosas - oficiais e extra-oficiais.

CINISMO. Mas há uma outra compaixão, que tinha de existir sempre. A sincera, sentida, desambiciosa, que é parte da natureza humana. Uma compaixão que não é palanque nem pó-de-arroz. Ela ficou proscrita destes nossos tempos. Quando a gente sente cortar o coração é bom esconder depressa, senão vão rir da nossa cara: "Otário!", "Cristão!", "Senhorita de Santana!" etc. Acabamos desenvolvendo em nós um materialismo pouco dialético e muito cínico, uma objetividade indiferente, desumana. Você sobe o vidro do carro, diz "não" para um moleque mirrado que te pediu dinheiro e sai por aí achando

que está contribuindo com o seu trabalho "para o nosso belo quadro (de transformação) social". Você é de esquerda, e os pontos de mendicância nas grandes cidades são explorados por gente inescrupulosa. Você não dá dinheiro para mendigo porque já dá o seu trabalho e o seu "dízimo" para o PT, para a CUT, para o projeto de Itamar contra a fome.

A NOSSA PARTE. Pois bem, então vamos falar de ostentação. É fácil dizer que os milionários ostentam, comendo pratos temperados a pó de ouro, acendendo charutos em notas de cem dólares, como o Cláudio Humberto (segundo Pedro Collor), passeando em carros importados com prostitutas caríssimas e belíssimas.

O mais difícil é perceber a coisa em nós mesmos. Você ostenta. Ostenta sua "ideologia", ostenta sua justificativa para estar insensível. Por que é que não nos ajoelhamos todos, diante dos que passam necessidade, e não choramos em silêncio? Sim, a resposta é imediata: porque temos tarefas importantes a fazer. Ostentamos essas coisas importantíssimas a todos os que precisamos de nossa compaixão, a extinta compaixão. Caiu sobre cada um de nós, que nos alimentamos e dormimos e estudamos e trabalhamos e almoçamos de domingo com a família, caiu sobre nossos corpos, corações e mentes um enorme preservativo. Temos medo do contágio, medo de vibrar junto de quem não trabalha, não dorme, não estuda, não trabalha, não almoça com a família aos domingos. Já não se pode amar sem proteção. Quando você fecha o vidro do carro, sua camisinha social, você

acredita que não faz parte daquela horrenda paisagem humana. Você está a salvo. Você ostenta sua salvação para estar insensível.

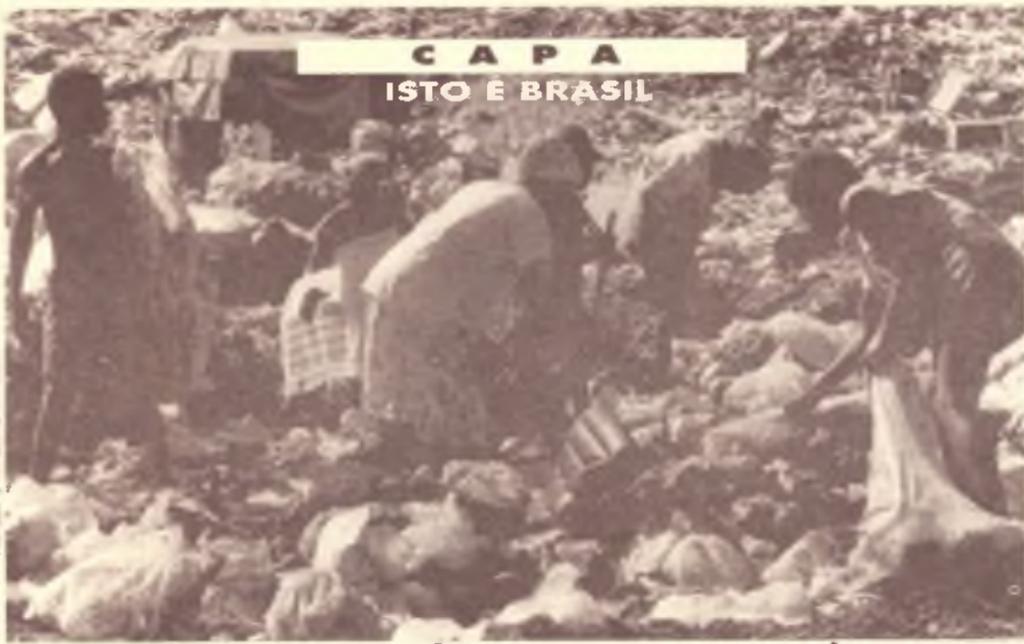
E quem não tem compaixão não terá energia para indignar-se. Talvez estejamos nos deixando amortecer pela distância imoral que se abriu entre os homens: o fosso que separa um milionário de um indigente é maior do que a ponte que liga uma criança de rua ao mundo animal. Em terra onde a cidadania é artigo de luxo, até a beleza é ostentatória. A arte é um exercício de esnobismo, o amor caiu na clandestinidade, a política mergulhou na esquizofrenia. O pensamento desapaixonado se tornou blasé. Nada mais nos corta o coração: não porque a realidade tenha perdido o fio, mas porque nós perdemos o coração. E preciso, no entanto, amar a arte, amar a política, amar o pensamento - e amá-los teria de sig-

nificar repudiar a indiferença, a insensibilidade. Viver é aprender desigualdades, morrer é deixar de odiá-las. Será que estamos morrendo ou o quê?

EUGÊNIO BUCCI

EMPRESÁRIOS TAMBÉM SÃO CONTRA A FOME. POR ISSO COMEM CINCO VEZES AO DIA!





FOME, FENÔMENO POLÍTICO

Um plano contra a fome feito pelo Governo Paralelo do PT, sob o título Política Nacional de Segurança Alimentar, foi entregue por Lula ao presidente Itamar no início de fevereiro. O plano foi elaborado por uma equipe coordenada por José Gomes da Silva e contém desde análise das causas da fome até propostas efetivas, como ações de emergência para erradicar a desnutrição, com a distribuição gratuita de alimentos à população em situação mais calamitosa.

Lula pretendia (e pretende) transformar a questão da fome numa questão política, pois fala-se da fome há décadas como uma ques-

tão social, sem que presidentes, governadores, prefeitos e parlamentares em geral se sintam obrigados a

tomar uma posição política contra ela. Pretendia também fazer com que a população organizada se voltasse

para a não-organizada, fazendo incorporar à cidadania os 40 ou 50 milhões de miseráveis postos à margem da civilização. Pretendia, finalmente, forçar a sociedade a mergulhar no debate acerca da fome. E a sua Caravana da Cidadania faz parte desta estratégia.

Itamar Franco convidou para coordenar as ações do governo contra a fome um homem de confiança de toda a sociedade, inclusive e especialmente do PT, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho que, com base no plano do Governo Paralelo e em outras fontes, inicia suas ações criando comitês contra a fome em vários lugares.

BETINHO CONTRA A MISÉRIA

Os que lucram com a fome devem muito a Delfim Netto, diz o sociólogo.



Herbert de Souza, o Betinho, é um cidadão movido a utopias. Depois de tantas lutas, agora decidiu arregaçar as mangas num trabalho inédito no país: erradicar (ou pelo menos amenizar) a fome de 32 milhões de brasileiros excluídos da mínima noção de cidadania. Utopia franciscana? Nem tanto. "A fome não é um fenômeno natural, mas fruto da falta de vontade política dos que lucram com a recessão", explica. Se a parcela mais privilegiada da população não fizer algo, o monstro vai devorar a todos, adverte.

Os números do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) são duros. Foi o Ipea que produziu o chamado Mapa da fome, que detectou os grandes bolsões de indigência do país. "Até o início dos anos 80 ainda existia uma certa distribuição de renda. De 1983 para cá, o quadro só foi agravado. A recessão empobrecer a classe média, que agora tem como sonho de consumo um fusca zero quilômetro. No passado, Dom Hélder Câmara organizava uma cruzada contra a pobreza. Hoje uma população do tamanho da Argentina passa fome. Qualquer pessoa de bom senso revolta com esta situação."

A INDÚSTRIA DA SECA CONTINUA AQUELA ÁGUA!



"Estamos falando de erguer um país. Esta é uma guerra social."

Para Betinho, a sociedade está se conscientizando de que precisa agir urgentemente. "Há pessoas ávidas por saída e que querem fazer algo." Aí entram os comitês, que devem ser formados pelo mais amplo espectro social possível. Estas iniciativas, recomenda, não devem dedicar-se ao assistencialismo puro e simples. E como isto pode ser feito?

Empresas e comunidade, por exemplo, podem promover parcerias seja na distribuição de alimentos ou na geração de empregos em suas regiões. "E como se organizássemos um grande mutirão para reconstruir uma cidade. Acontece que estamos falando de erguer um país. Esta é uma guerra social", completa.

DELFINO CULPADO. Paralelo à ação da sociedade nos comitês existe o Conselho Nacional de Segurança Alimentar, que é uma iniciativa do governo. A soma de todos os projetos sociais previstos no Orçamento da União chega a US\$ 20 bilhões. "Se esse dinheiro for aplicado corretamente, um grande passo já terá sido dado. É bom lembrar que este dinheiro não está sendo jogado fora. É um investimento com retorno garantido", destaca Betinho, lembrando os milhões de brasileiros que entrariam na faixa de consumo.

E o presidente Itamar Franco teria vontade política de equacionar esta questão? "Itamar tem apenas um ano e meio de governo. Se ele fizer algo, já

A PROPOSTA PETISTA

Alguns pontos da proposta do PT para resolver o problema da fome são:

- reforma agrária ampla e rápida, assentando 3.039.000 famílias em 15 anos;
- uma política de destinação prioritária de recursos para a produção de alimentos indispensáveis ao abastecimento interno;
- dar prioridade à destinação de recursos aos pequenos e médios agricultores e trabalhadores rurais, de preferência os organizados em associações e cooperativas;
- garantia de preços mínimos aos pequenos e médios produtores, não mais vinculando esses preços ao financiamento e à estocagem privada, mas com base em custos de produção;
- aquisição garantida, pelo governo federal (no caso de pequenos e médios produtores), dos 12 alimentos da cesta básica (arroz, feijão, leite, ovos, macarrão, pão, carne bovina, óleo, açúcar, frango, farinha de trigo e farinha de mandioca), além de pescados em certas regiões e outros produtos regionais.

AÇÃO IMEDIATA. Garantia de acesso à cesta básica para todos os brasileiros, através de tickets e carnes subsidiados à população de baixa renda, mais a reestruturação do Programa de Alimentação do Trabalhador, ampliando-o para todos os setores, inclusive o informal, e distribuição gratuita de alimentos à "população de risco" (com renda de até meio salário-mínimo per capita ou de comunidade com desnutrição endêmica), às crianças com menos de 2 anos e às gestantes.

teremos uma linha a ser seguida pelo próximo presidente. A palavra de um presidente da República vale como uma nota promissória: tem prazo e você poderá tanto receber a quantia quanto protestá-la. Para isto, é importante que o movimento social seja vigoroso o suficiente para cobrar ações concretas."

Betinho enxerga hoje uma grande luta interna nas áreas econômica e política do governo. De um lado, a parcela esclarecida não aceita as fórmulas recessivas de combate à inflação, pois sabe que recessão e desemprego não rimam com desenvolvimento econômico. De outro, a velha receita monetarista cantada em verso e prosa pelos liberais, neoliberais e outros ortodoxos de plantão. "Se a miséria brasileira tem um pai, pode ter certeza que ele é o Delfim Netto", dispara.

COMITÊS CONTRA A FOME. Cidades como Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e outras capitais já possuem os seus comitês. A palavra de ordem, agora, é que eles se espalhem Brasil a fora. Qualquer um pode participar. O importante é con-

seguir reunir todos os segmentos sociais. Trabalhadores, empresários, estudantes, entidades populares, ONGs, estabelecimentos de ensino, partidos políticos, militares, sindicatos, enfim, todos devem se unir para encontrar soluções.

A participação conjunta dos setores organizados é como um desdobramento da grande aliança formada para se exigir o impeachment de Fernando Collor. Desde que foi criada, a Ação da Cidadania já recebeu a adesão de inúmeras entidades, como CUT, ABI, OAB, Contag, PNBE, e até da Confederação Nacional da Indústria, comandada por Albano Franco.

Como reagir diante de tamanha unanimidade? Quem mudou: nós ou eles? "O empresário moderno é aquele que procura compreender o país onde ele vive. O que mudou, na verdade, foi a realidade e a percepção que temos dela. A indignação diante da miséria hoje é tão grande que até os míopes passaram a enxergar o que está se passando", observa Betinho.

AFFONSO NUNES
Rio de Janeiro, RJ

Chacoalhada na roseira

Crise na CUT. Meneguelli busca o caminho das ruas.

No último dia 12 de maio o jornal **O Globo** furou seus concorrentes da grande imprensa e revelou que o secretário-geral da CUT, Gilmar Carneiro, havia colocado seu cargo à disposição da Executiva da central. O fato foi interpretado como o prenúncio de um "racha" inevitável. Na mesma data, o presidente da CUT, Jair Meneguelli, concedeu entrevista coletiva em Brasília e previu que a entidade voltará a comandar mobilizações amplas de trabalhadores, agora pelo reajuste mensal dos salários. A contradição entre os dois episódios é apenas aparente. Há claros sinais de que a atitude adotada por Gilmar Carneiro pode ter desencadeado fatos que abalam não apenas a disputa sucessória da CUT, mas também alguns dos mecanismos que contribuíam para a apatia e a crise interna da central.



Os trabalhadores voltam às ruas. A CUT os acompanha?

DOCUMENTO DURO. Gilmar deixou a secretaria-geral, na verdade, em 28 de abril, após uma reunião da tendência majoritária *Articulação Sindical*, em que exigiu sem sucesso, que o tesoureiro Delúbio de Castro fosse substituído. Anunciou que assumiria uma posição definitiva após uma plenária nacional desta tendência. Em 6 de maio, depois que rumores sobre o fato passaram a circular com insistência crescente, o secretário-geral lançou um documento em que procurava precisar o sentido político de sua posição.

Assumindo em certos trechos dramáticos, o texto traz um longo preâmbulo, em que enumera as conquistas da CUT em dez anos de existência. Pondera em seguida, no entanto, que "frente à conjuntura, a partir de Collor, a Executiva Nacional não consegue ter agilidade enquanto direção política". E diz, em outro ponto, que seu gesto visa "não ser conivente, nem cúmplice, com uma gestão que vem estando bem aquém de sua capacidade política e de trabalho". As divergências, portanto, são mais amplas e profundas que um mero desacordo com Delúbio.

A LÓGICA DA DECISÃO. O afastamento de Gilmar não parecia se encaixar nas interpretações que tanto os militantes do movimento sindical quanto a própria imprensa faziam sobre a disputa pela presidência - que ele travava, no âmbito da *Articulação Sindical*, com Vicentinho,

o outro candidato da tendência. Desde o IV Congresso, em 1991, Vicentinho não assume tarefas concretas na Executiva Nacional da CUT, e procura legitimar suas aspirações junto ao conjunto da chamada "opinião pública". Gilmar, ao contrário, aparece desde então como o homem da situação. Que lógica haveria em afastar-se?

Para encontrar a resposta é preciso analisar a seqüência de reuniões que a Executiva da CUT, e em especial seu Secretariado - um grupo mais restrito de dirigentes -, realizou nos últimos meses. A partir do início desse ano, garantem integrantes do segundo fórum, a *Articulação* apresentou-se costumeiramente dividida nas votações. E Gilmar foi, mais de uma vez, voz isolada entre os sete membros da tendência.

Numa conjuntura marcada também por dificuldades naturais para o movimento sindical - a recessão, por exemplo - e pelo refluxo das lutas reivindicatórias, é provável que o secretário-geral tenha concluído que arcava com os ônus do poder (o desgaste natural de quem é situação), mas não com os bônus (já que se via sem condições de implementar sua política face à resistência de seus próprios companheiros de corrente). Jair Meneguelli explica: "Vicentinho adota suas concepções com liberdade no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Gilmar tem o direito legítimo de também tentar fazer política a partir do sindicato que preside, e liberar-

se de um cargo que, na CUT, exige além de tudo enorme dispêndio pessoal".

SURPRESA NA DIREÇÃO. Ao contrário do que se previu no primeiro momento, no entanto, o secretariado da CUT não desmoronou diante do ato do secretário-geral. Reuniu-se em 6 de maio e reagiu adotando um conjunto amplo de propostas de mobilização - algo que a central não ousava fazer há muitos meses. Já nas próximas semanas, a CUT promete coordenar ações em vários pontos do país pela aprovação do projeto de lei do deputado Paulo Paim, que estabelece reajustes mensais de salários. Pretende, também, ampliar sua presença, até agora muito tímida, na luta contra as privatizações, e prepara-se para processar o governo Itamar Franco pelas constantes proteções no pagamento das contas inativas do FGTS.

É provável que as decisões tenham sido influenciadas pelos sinais evidentes de que a maré baixa de mobilizações sindicais pode estar chegando ao fim. Em São Paulo, por exemplo, havia até o dia 12 várias categorias importantes em greve ou em campanha salarial: funcionários estaduais da Saúde e Educação, cegonheiros do ABC e metroviários, entre outros, algo que não se via há muito tempo. Os próprios bancários dirigidos por Gilmar Carneiro promoviam, longe da data-base da categoria, uma mobilização pelo reajuste mensal de salários

que repercutia de forma não desprezível entre o conjunto da população.

PAPEL DE MENEGUELLI. Também é inegável, no entanto, que a atitude pessoal de Meneguelli e de outros membros do secretariado contribuiu para a mudança de clima. "Precisamos sair dos escritórios, e o que falta para isso não é dinheiro", disse ele numa recente reunião interna da CUT, enquanto lembrava o tempo em que usava papel de embrulho e pincel atômico para mobilizar os metalúrgicos de São Bernardo. Os ventos novos que sopraram na reunião do secretariado do dia 6 chegaram a impressionar José Maria de Almeida, membro da Executiva ligado ao PSTU. "Se conseguirmos implementar metade do que decidimos aqui, tiramos o pé da lama", disse ele, que, embora desconfiado, participou ativamente da definição das propostas.

Será preciso esperar algum tempo ainda, no entanto, para saber com clareza se a CUT começará a superar a paralisia que a acometeu no último período. Entre 17 e 18 de maio a plenária nacional da *Articulação Sindical* deverá definir a posição da tendência frente aos últimos atos de Gilmar Carneiro. Caberá no entanto a uma reunião da Executiva da CUT, marcada para 19 e 20 do mesmo mês, definir a postura da central diante da conjuntura dos próximos meses.

ANTONIO MARTINS E
GUSTAVO CODAS

TOQUE SINDICAL

CELSON MARCONDES

CAOS NA SAÚDE - I. A crise na saúde pública brasileira já chegou ao limite há algum tempo. Mas só agora aparece toda a dimensão do caos. A coisa estourou em São Paulo, o estado mais rico do país. A greve nos hospitais estaduais mantinha toda a sua força quando estas linhas eram escritas. TVs e jornais registram diariamente, e com grande destaque, cenas de doentes largados no chão dos hospitais, filas, reclamações de pacientes, tumultos, passeatas. E o Brasil todo fica sabendo que um médico recebe do estado apenas 7 milhões de cruzeiros mensais. Muita gente passa a dar razão pro SINDSAÚDE, que diz: "Será que é possível cuidar da sua saúde se não tenho condições financeiras para cuidar da minha?"

CAOS NA SAÚDE - II. Em meio a uma situação dramática, é impressionante a posição do governador Fleury. Demora para voltar de sua turnê pelos Estados Unidos e, quando volta, a única coisa que faz é ameaçar os grevistas e divulgar comunicados mentirosos contra os trabalhadores da Saúde, os profissionais da Educação e os metroviários - que também se movimentam. A verdade é que por trás da passividade do governador e da repercussão atingida pela crise na Saúde ultimamente, há a firme disposição de alguns de acelerar o processo de privatização da medicina.

1º DE MAIO FRIO. É triste, mas é verdade: as comemorações do 1º de maio pelo Brasil - com raras exceções - foram bem melancólicas. A recessão, é certo, não dá nenhuma razão para comemorar. Mas os sindicatos não conseguiram transformar esta data num momento de mobilização, embora sejam muitas as categorias profissionais que estejam em campanha salarial neste período. Há exatos 25 anos, vale registrar, o mês de maio foi particularmente quente em várias partes do mundo.

A POLÍCIA VEM AJÁ. O Sindicato dos Investigadores de Polícia do Estado de São Paulo tem assembléia marcada para o dia 20 de maio no Pacaembu. A base, de mais de vinte mil trabalhadores, insatisfeita com o salário de 4,8 milhões mensais, exige do governador Fleury uma reposição de 222%. Mas o ponto de pauta da assembléia que tem causado mais ruído no movimento sindical é o que deve deliberar sobre a filiação do sindicato à CUT.

CELSON MARCONDES

METALÚRGICOS DO ABC UNIDOS

Dias 25, 26, 27 e 28 de maio estarão acontecendo as eleições para eleger a primeira diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, fruto da recente fusão dos sindicatos de São Bernardo e Santo André e que abrange também os metalúrgicos das cidades de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

Apenas uma chapa está inscrita, a "chapa da unifica-

ção", apoiada pelas diretorias dos dois sindicatos que se fundiram. Vicentinho é o candidato a presidente.

A união dos dois sindicatos não é um assunto de segunda importância. Reunindo uma base de mais de 150 mil trabalhadores, num dos principais centros industriais do Brasil, a força da categoria se amplia significativamente e aumenta sua capacidade de

barganha frente aos empresários. Amplia-se também o poder de fogo dos metalúrgicos do ABC dentro do meio sindical, frente a Luiz Antonio Medeiros e às outras centrais. Etambém a disputa entre as correntes cutistas.

Num momento em que realizam-se ações - quase sempre motivadas pela simples briga de facções - no sentido de dividir vários sindicatos pelo país, a

unificação formal dos dois sindicatos ganha uma dimensão ainda mais especial. Fundir idéias e propostas no meio sindical não é tarefa fácil. Muito menos fundir aparatos.

Quem atua no movimento sindical sabe muito bem no que isto implica.

O fato dos metalúrgicos do ABC terem conseguido realizar esta proeza aponta um caminho que merece ser discutido em

outras áreas. Ainda mais quando ele é percorrido sem traumas, a ponto de nem haver uma chapa de oposição inscrita nas eleições. Só faltou a adesão do Sindicato de São Caetano, o que não aconteceu graças às barreiras colocadas por sua diretoria atual, ligada à Força Sindical. Apesar das pressões das bases no sentido da unificação.

O Brasil que não se vê

Cenas emocionantes, polêmicas, lições: a pobreza pode rasgar esse país ao meio.

Tirante as histórias difíceis - como a dos pais, no Vale do Jequitinhonha (MG), que introduzem deliberadamente os filhos no alcoolismo para que deixem de chorar de fome -, o que mais impressionou o conjunto da Caravana da Cidadania - que terminou na quarta-feira, 12 de maio, em Santos - foi o encontro com um extenso Brasil que permanece fora dos circuitos políticos, de mercado, ou de TV. Diz Lula que esta foi a experiência mais importante da vida dele. "Nós, lideranças políticas deste país, conseguimos falar com 30 milhões de pessoas. A caravana foi um meio pelo qual eu consegui começar a falar com o restante." Lula pretende organizar caravanas semelhantes, agora por estado: "Percorrer o Piauí, o Paraná". Chamou sua atenção o respeito que o PT tem no país, o tratamento carinhoso que recebe, embora em muitos lugares houvesse pessoas que nem soubessem que ele é um dos potenciais candidatos à presidência, nem mesmo, às vezes, o que era o PT. "Sempre houve um tratamento carinhoso, boa receptividade por toda a parte, tanto da população como de prefeitos e vereadores de outros partidos, do PFL, do PMDB". Diz Lula que eles entenderam o sentido extra-eleitoral da caravana.

CONTEXTO DE CAMPANHA. É claro que a caravana, por outro lado, se inseria num contexto de campanha. Prova disso foram as repercussões de atitudes e de declarações de Lula ao longo do seu percurso. Deve-se dizer que a cobertura geral da imprensa chegou a ser favorável ou respeitosa, embora fossem apontados com destaque momentos consi-



Na Bahia Lula dança ao ritmo do Axé Music.

derados demagógicos (a distribuição de pãezinhos, a comparação entre a bandeira do PT e o sangue de Cristo) ou de destempero (o palavrão a respeito de Itamar). Destoou neste conjunto a reportagem de *Veja* da semana de 10 de maio, onde a caravana aparece apenas como demagogia e ópera ridícula, denotando menos objetividade do que horror a povo. Lula de terno em Princeton ou jantando com empresários, pode. Com o povão despossuído, não.

Sobre dois dos episódios citados - os pães e o sangue de Jesus -, Lula deu explicações extras, além das que já saíram na imprensa, na semana que passou. Em Taubaté (SP), diante de uma comunidade religiosa - de nome *Imaculada* - que produz pães de boa qualidade para a população pobre, Lula explicou que "dois seminaristas celebraram um ato religioso, antes do comício". Nesse ato, como de

costume, distribuíram pão para a população, numa espécie de grande comunhão. "Chegaram 5 cestas, e duas delas foram parar

no palanque. Como muita gente queria pegar o pão, eu e o Eduardo (Suplicy) ajudamos a distribuir." Já sobre o sangue de Cristo,

CENAS DA CARAVANA

LULA NO LIXÃO

Onze horas da manhã do dia onze de maio, Lula e seus companheiros da Caravana da Cidadania chegam ao estado de São Paulo, ao Vale do Paraíba, a Guaratinguetá, ao lixão da cidade. Quarenta ou cinquenta homens, mulheres e crianças revolvem o lixo da cidade, uma mistura de vários lixos, inclusive lixo hospitalar. O mau cheiro é quase insuportável - urubus, cachorros e homens se movimentam numa estranha combinação. Somente Lula, alguns fotógrafos e petistas do Vale do Paraíba chegam até os catadores de papel e latas. Para abrir o diálogo difícil, Lula pergunta se alguém já trabalhou numa fábrica. Não. Apenas uma mulher diz que já trabalhou numa. Outros já tiveram empregos na construção civil. Um rapaz que afirma ter 24 anos se apressa e diz que sempre trabalhou no lixo. "Há vinte anos", salienta com notável exagero.

A distância, uma mulher pergunta a outra se aquelas pessoas são da prefeitura, que ameaça retirá-los dali. Não conhece Lula. Diz não se lembrar - ou não quer fazê-lo - se votou nas últimas eleições. A maioria presta atenção nas palavras do dirigente petista. A caravana está chegando a seu fim, termina no dia seguinte no ABC e na Baixada Santista. Dois curiosos na entrada do lixão estranham o fato de Lula ter entrado na cidade de Guaratinguetá só para ver as pessoas que vivem do lixo. Até eles, que vivem tão perto, parecem não reconhecer o outro lado do Brasil.

JOSÉ AMÉRICO DIAS

Lula diz que no seu discurso (que está gravado), já no ato político, lembrou-se de que pelo Nordeste ainda se fala que o vermelho é cor de comunismo, "do sangue que os comunistas fazem correr", e se usa isso para atacar o PT. Ele então explicou que nem se lembrava do porquê dessa ser a cor, com o branco da estrela, da bandeira do PT. Mas se era para estabelecer algum simbolismo, o branco seria a paz, que o PT defende, e o vermelho seria o sangue derramado pelos lutadores contra a miséria e a opressão - como (e aí vieram as comparações) o Conselheiro, Tiradentes "e até Jesus Cristo".

O FOCO EM FOCO. Com ou sem explicações, Lula deve dar-se conta de que daqui para a frente estará, como esteve, "sempre em foco" - no bom e no mau sentido. Ou seja, vão esgravatar tudo o que disser ou fizer, atrás de "significados". No caso de Canudos, por exemplo, o erro pode ter sido de base: permitir que o ato religioso se fizesse no mesmo espaço e quase no mesmo instante do ato político. Naquele lugar, naquele momento, seria fatal que ambas as coisas, de alguma forma, se confundissem.

Em 1929, Getúlio Vargas começou uma nova cena política no país ao apresentar seu programa político num comício na Esplanada do Castelo, no Rio, ao invés de numa reunião no Clube do Comércio, para jornalistas e convidados, como era costume. A abertura da campanha num comício, fato inusitado até então, gerou protestos. Ressalvadas as proporções, e as intenções, vamos ver se a caravana de Lula inaugura uma nova relação com o povaréu desassistido. Quem sabe, outro destino.

FLÁVIO AGUIAR

Pedro Casaldáliga comenta andança de Lula

Para o bispo todos os candidatos devem conhecer o povo de perto

Uma das maiores utilidades da Caravana da Cidadania, de Lula, para denunciar a fome e mostrar a dificuldade de dialogar com a população, segundo Dom Pedro Casaldáliga, da Prelazia de São Félix, no Araguaia, foi mostrar o seguinte: "Enquanto no Sul alguns falam em separatismo, o que o país realmente precisa é distribuir a renda". Ele acompanhou a viagem pela TV, enquanto participava da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Itaici.

Muito comentada nos corredores do encontro religioso, ele disse que a viagem mostrou como são gritantes as diferenças sociais do país, com alguns muito pobres e outros muito ricos. Tudo amplamente revelado para a população e o mundo, já que "a viagem chamou atenção e até os meios de comunicação contrários, como a Globo, fizeram ampla cobertura". Um dos fatos positivos, no-



tou, foi a repercussão na imprensa internacional, mostrando a necessidade de se tomar medidas urgentes para se enfrentar a fome no Brasil.

Ele acredita que muita gente sensibilizou-se com o que viu. "Após isto (a viagem) a gente se sente brasileiro e se indigna, mas aí precisa vir a organização política e dar priori-

dade ao que é prioritário", afirmou. No caso do Nordeste, disse que o problema terá que ser enfrentado de frente pelos próprios nordestinos, para diminuir a miséria e reduzir a migração de populações. Em relação ao país, ficou flagrante que ele precisa de uma reforma agrária com reforma agrícola, disse.

ELOGIOS. Na sua opinião a viagem gerou dois tipos de opinião: um setor da sociedade sensibilizou-se e vai querer medidas emergenciais mais estruturais para enfrentar os problemas da fome; outro acha que foi oportunismo e populismo. Esta não é a sua opinião. Acredita que, nos meios populares e entre os nordestinos, locais ou migrados, a viagem foi vista com muita simpatia.

O bispo elogiou Lula, que considera honesto e franco em suas pretensões, e acha que este é um dos motivos da grande repercussão da caravana. "Ele é

uma figura nacionalmente conhecida e o jeito dele se comunicar, dizendo ao povo as verdades que ele quer ouvir, fizeram muito mais que os papéis frios que começam a se espalhar por aí." Dom Pedro acha que Lula fez o mínimo que os candidatos brasileiros ou brasileiras podem e devem fazer: "Conhecer de perto o povo, as suas realidades, e se sensibilizar com elas".

Mas alertou: "É preciso dizer ao Lula que, por mais suficiente que seja a sua razão, ele não pode perder o controle. O povo não gosta de xingamentos entre os políticos. Isto pode comprometer uma carreira política".

Sobre as declarações de Lula divulgadas pelos jornalistas, de que o vermelho da bandeira do PT simboliza o sangue de Cristo, e que a estrela do partido é a estrela guia, afirmou que há muito sangue de trabalhadores derramado por aí, e que a postura honesta deve

recolhê-lo. "Lula sabe que o sangue do povo e o seu sofrimento misturam-se com o sangue e a paixão de Cristo." E acrescentou: "Entre todos os partidos que existem no país - com seus pecados, com suas tendências internas, vanguardismo, líderes insuficientemente honestos e falta de respeito ao ritmo do povo - o PT é o mais próximo da população".

HAMILTON CARDOSO



CORRUPÇÃO. O Parlamento italiano não autorizou a suspensão da imunidade do ex-premiê socialista Bettino Craxi, de modo que ele pudesse ser processado por corrupção. A decisão suscitou uma onda de protestos, já que Craxi é uma das figuras mais identificadas com a corrupção no país, aumentando ainda mais a distância entre a população e os políticos. Cerca de 10% dos 956 membros do Parlamento estão sob investigação judicial.

AS MANOBRAS DE YELTSIN. O presidente russo está usando os resultados do plebiscito para reforçar os ataques ao Parlamento. Suas iniciativas incluem a proposta de realizar eleições parlamentares antecipadas, que, segundo o Tribunal Constitucional, não tem base legal; uma reforma constitucional que retire poderes do Parlamento e reforce os da presidência (para isso está negociando novas concessões às repúblicas e regiões); e ameaças de um expurgo de seus opositores do governo. Yeltsin até mesmo insinuou a volta do ex-primeiro-ministro Gaidar, uma besta fera do neoliberalismo selvagem no país.

CONTINUÍSMO. As eleições no Paraguai resultaram na vitória do Partido Colorado, no governo há 46 anos. O empresário da construção Juan Carlos Wasmosy, eleito o novo presidente, fez fortuna no período da ditadura Stroessner, como empreiteiro na construção de Itaipu, e é dono de uma das maiores fortunas do país. Seu programa é a defesa da economia de mercado e aceleração da privatização. O Partido Colorado elegeu também 12 dos 17 governadores de província.

NA CORDA BAMBÁ. Os sinais de retomada da economia dos EUA estão desaparecendo. Depois de atingir uma taxa de crescimento de 4,7% no último trimestre de 1992, o PIB cresceu apenas 1,8% nos três primeiros meses deste ano, contra previsões de 2,5%. O principal indicador do Departamento de Comércio também registrou queda de um ponto, a maior desde novembro de 1990. Como afirmou o diretor de orçamento da Casa Branca, "essa é uma recuperação anêmica, que não cria empregos nem vai criar".

MAIS POBRES. O relatório do Banco Mundial sobre a pobreza acusou a existência de 1,1 bilhão de pessoas no mundo vivendo com menos de um dólar por dia, número 8% maior do que o de 1985.

MORTE ÀS BALEIAS. Esta é a palavra de ordem dos representantes japoneses, noruegueses e islandeses na reunião anual da Comissão Baleeira Internacional, formada por 34 países, que se reuniu em Kioto, no Japão. Eles tentam acabar com a moratória da caça da baleia, decretada em 1986. Em discussão também a proposta da França, do Fundo Mundial para a Vida Selvagem e do Greenpeace, de criação de um santuário baleeiro abaixo do paralelo 40 do hemisfério sul.

O suicídio do ex-primeiro-ministro socialista Pierre Bérégovoy acrescenta um epílogo trágico à derrota esmagadora do Partido Socialista francês, que em recente eleição perdeu 25% dos votos e teve o seu pior resultado desde a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos meses, os escândalos de corrupção envolvendo não só os socialistas franceses mas também a cúpula do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) de Filipe Gonzales e, principalmente, com grande "vantagem" sobre os demais, o Partido Socialista italiano - têm sido o destaque da vida da social-democracia europeia na grande imprensa. Mas eles não explicam uma série de derrotas políticas sucessivas desta corrente, mais visíveis desde o ano passado.

Na Alemanha, nas eleições estaduais de março de 1992, o Partido Social Democrático recuou muito (no mais importante estado alemão, Baden-Württemberg, teve apenas 29,4% dos votos, seu pior desempenho desde 1945). As eleições municipais recentes confirmaram esta tendência.

Na Inglaterra, os trabalhistas perderam pela quarta vez, em abril do ano passado, as eleições legislativas. Também em abril, na Itália, o Partido Socialista teve, antes que eclodissem as denúncias de corrupção, um recuo enorme em seus bastiões no norte do país, estando hoje abaixo dos 10% dos votos em todas as regiões. Atualmente, na Holanda, as pesquisas mostram que o PvdA corre o risco de perder a metade de seus eleitores nas próximas eleições. E os socialistas da Bélgica flamenga também recuam rapidamente.

QUEDA NO GOVERNO E NA OPOSIÇÃO. Estes dados justificam que se coloque a pergunta: o que está acontecendo com a social-democracia? Afinal, ainda em 1989, quando completava seu centenário, falava-se de uma revanche histórica desta corrente, aparentemente fortalecida pelo colapso das ditaduras estalinistas. Uma primeira análise parece mostrar dois fenômenos quase gerais.

De um lado, a social-democracia está recuando tanto no governo como na oposição. A social-democracia sueca sofreu, em setembro de 1991, sua mais grave derrota desde 1928. Os trabalhistas ingleses não conseguiram capitalizar, em 1992, o enorme descontentamento contra a política dos conservadores, que levou à queda de Thatcher. O conservador Kohl está no governo alemão desde 1982, mas o recuo do SPD é constante: de 42,6% em 1976 e 42,9% em 1980, passa para 38,2% em 1983, 37,0% em 1987, 33,5% em 1991 e hoje está abaixo dos 30%.

De outro lado, os analistas



Rolando escada abaixo

Derrotas, corrupção e abandono das lutas sociais revelam a decadência.



têm destacado, observando os mapas eleitorais, que os partidos social-democratas já perderam parte importante de sua base eleitoral clássica, nos bairros e regiões de trabalhadores, como consequência do desemprego crescente dos anos 80, que se acelerou a partir de 1991. Seu eleitorado deslocou-se para setores médios e trabalhadores de renda mais elevada, bem menos fiéis que os assalariados vinculados à cultura operária e à teia de organizações sindicais, cooperativas e associativas que o caracterizava.

OPÇÃO CONSERVADORA. As raízes deste processo parecem estar na opção tomada pela social-democracia ao longo dos anos 80, na sua relação com o capitalismo e com o neoliberalismo. Os partidos socialistas foram rompendo seus laços com a população trabalhadora e com todo um conjunto de instituições em que elas se reconheciam.

Vários momentos essenciais deste processo podem ser apontados. Na França, onde foi governo por doze anos, o ponto de inflexão parece situar-se em 1983, quando o PS abandonou toda política econômica própria e aderiu ao neoliberalismo, através da "política do rigor". Opo-

sição na Inglaterra, a direção do Labour lançou, entre 1983 e 1985, uma ofensiva total contra a ala esquerda organizada ao redor de Tony Benn, sabotou a greve dos mineiros e eliminou qualquer traço de radicalismo do programa do partido. Na Espanha, o PSOE rompeu com a central sindical UGT na greve geral de 1986. Na Bélgica, a direção da central FGTB desmontou o processo de mobilização contra a adoção da flexibilização, que deveria desembocar em uma greve geral, na negociação do contrato coletivo em maio de 1986.

Através destas e de outras medidas, a social-democracia foi associando-se abertamente ao processo de ataque e desmantelamento das conquistas sociais do movimento dos trabalhadores. Jamais no passado os socialistas europeus estiveram tão estreitamente identificados com o capitalismo e tão ciosos de suas responsabilidades para com o Estado, estivessem no governo ou na oposição, assumindo a necessidade de serem modernos e de romper com seus próprios elementos de identidade.

MUDANÇA DE PROGRAMA. A social-democracia desenvolveu-se, no século XX, na luta

pelo *welfare state*, o Estado do bem-estar social, possível graças às políticas econômicas keynesianas implementadas principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Depois da recessão de 1974/75, a sua aplicação foi tornando-se cada vez mais difícil e o deslocamento do grande capital para posições mais conservadoras foi acompanhado pelos partidos socialistas. Os momentos de confrontação dos partidos socialistas com sua base operária foram também os momentos de abandono claro da defesa do *welfare state* e suas conquistas para os trabalhadores organizados.

Os períodos subsequentes foram de distanciamento daquilo que a social-democracia sempre apresentou como o seu programa mínimo. Isso ocorreu:

- na inexistência de qualquer iniciativa real para reduzir o desemprego, que já atinge 25 milhões de trabalhadores na Europa ocidental (17 milhões segundo as cifras oficiais);

- na colaboração ativa para enfraquecer e desacreditar o papel social do Estado, inclusive com a rejeição das iniciativas para sustentar seus gastos, como uma maior tributação dos ricos;

- na colaboração, em geral contra os sindicatos, na implementação de medidas de flexibilização e reorganização dos métodos de trabalho, permitindo que o patronato se apropriasse dos ganhos de produtividade daí decorrentes;

- na recusa a apoiar seja a luta dos imigrantes (como o direito de voto) seja a dos países do Terceiro Mundo (no problema da dívida, exceto no caso dos partidos da Escandinávia), afastando-se de sua tradicional ideologia de solidariedade social e distanciando-se de amplos setores da juventude, cada vez mais céticos em relação à política;

- e no abandono da luta pela implementação da chamada Europa social, pela unificação dos direitos sociais dos assalariados no processo de abertura das fronteiras internas, quando aceitaram o Tratado de Maastricht em moldes estritamente neoliberais.

O único horizonte de transformação que a social-democracia apresentou para seus eleitores foi a idéia de uma Europa unificada, um supermercado e uma superpotência.

Uma questão interessante para se entender este processo, aí já saindo dos dados e entrando no terreno das hipóteses, é verificar a existência de uma relação entre o deslocamento da social-democracia para posições pró-capitalistas, sem qualquer outro objetivo, e a mudança de sua base social.

Parece inegável o fortalecimento do peso eleitoral e político nos PSs do setor beneficiado pela "modernização" neoliberal, os ex-68 que ascenderam profissional e socialmente, os *yuppies* progressistas, os técnicos qualificados do terciário em expansão etc. A ideologia do enriquecimento, da concorrência e do individualismo extremo progrediu rapidamente nestes setores e ajuda a compreender a opção política cada vez mais consciente da social-democracia por modernizar o capitalismo e não por controlá-lo.

NITERÓI DISCOS FAZ SUCESSO

É não é que o pessoal de Niterói estava certo? O bom trabalho desenvolvido pelo selo musical da cidade já começou a render frutos. E dos bons. Tanto é que já despertou a atenção dos grandes da indústria fonográfica. Oito trabalhos da Niterói Discos receberam indicações para o Prêmio Sharp de música, tido como o Grammy brasileiro, deste ano. No próximo dia 19, a barca atravessa a Baía de Guanabara e desembarca no Teatro Municipal, trazendo alguns azarões na tripulação.

O tecladista e compositor Sérgio Nacif foi indicado em três categorias pelo júri (melhor composição instrumental, melhor arranjo instrumental e melhor intérprete instrumental). A cantora pop Andréi Dutra recebeu duas indicações (revelação feminina e melhor hit). Completam a lista o sambista Júlio São Paio (revelação masculina), o baixista Alex Malheiros (melhor capa) e o cantor e compositor Mirabeaux (melhor arranjo).

"Talvez conseguíssemos mais algumas indicações se o álbum do Tião Neto fosse inscrito em tempo hábil", lamenta o presidente da Fundação Niteroiense de arte (Funiarte), o jornalista Luís Antonio Melo. E ele tem razão. A bolacha de Tião Neto é um belíssimo trabalho. Une a herança bossanovista ao que existe de mais atual em música instrumental.

FECHADOS PARA BALANÇO. A fama da gravadora estatal já está ficando maior do que sua capacidade de produção. Luís Antonio avisa que as inscrições de novos trabalhos estão suspensas até julho. Motivo: excesso de material enviado ao selo. "Precisamos dar uma parada nas inscrições. Só assim teremos calma para selecionar novos artistas", explica.

O primeiro CD da Niterói Discos já está saindo do forno. É do grupo Anonimus, de música renascentista. O coordenador do selo, Chiquinho Aguiar, pretende relançar todos os títulos do catálogo no disquinho metálico. Como a capacidade de um CD é maior do que a do vinil, serão lançados dois álbuns por compact disc. "Teremos o cuidado de não misturar os estilos. Não queremos uma salada geral."

BLOCO NA RUA. Agora que o trabalho vem alcançando reconhecimento e credibilidade maiores, hora de botar o bloco na rua com mais intensidade. Por isso, nossa simpática gravadora independente procura um esquema de distribuição dos álbuns para que eles possam ser encontrados em lojas das grandes cidades brasileiras. Acho que voltarei mais vezes a Niterói.

AFFONSO NUNES
Rio de Janeiro, RJ



O time do Ventoforte: muita pesquisa e sensibilidade.

TEATRO

Um bailão diferente

Inovador do teatro infanto-juvenil, o Ventoforte agora é festa.

Quem gosta de música, dança e muita festa não pode perder o "Bailão no Vento", criado pelo Grupo Ventoforte. A banda "Mistura e Manda" anima as noites de sábado do teatro e, de acordo com a proposta de trabalho do Ventoforte, faz um resgate da memória musical brasileira, tocando desde o forró de Gonzagão até músicas de compositores como Pixinguinha e Ernesto Nazaré.

Estudantes e profissionais liberais são os frequentadores mais assíduos dos bailões. Esse também é o público que costuma participar dos diversos eventos do Ventoforte - de seus espetáculos aos cursos. Quem ainda não viu essa "ilha dentro da cidade" está perdendo a chance de conhecer um dos espaços mágicos de São Paulo. Confira.

ANDANDO NO VENTO. Com 45 prêmios e mais de 20 espetáculos apresentados, inclusive em

países como os Estados Unidos, Nicarágua, Cuba e Uruguai, o Grupo Ventoforte já participou de vários festivais pelo Brasil e Europa. Mas não parou aí. Um dos principais objetivos do grupo é a formação de espaços pedagógicos para diferentes comunidades, desempenhando um papel complementar ao das escolas comuns e sendo, ao mesmo tempo, alternativa à carência de um projeto cultural para o país.

O "Bailão no Vento" foi uma das formas encontradas para manter o Ventoforte. No entanto, a preocupação maior do grupo é manter sua proposta educativa e continuar divulgando sua forma própria de pensar e fazer teatro através de seus cursos e espetáculos.

Atualmente o Ventoforte tem cerca de cem alunos em seu curso de teatro para adultos, crianças e adolescentes e sua meta é tornar-se uma verdadeira escola, que possa receber também pessoas que não podem pagar. Para isso

pretendem criar um Fundo de Bolsa, com um plano de doações.

Além dos cursos de teatro, o Ventoforte oferece cursos de dança, capoeira e percussão. Dois espetáculos destinados ao público infantil, do diretor Ilo Krugli, também podem ser vistos todos os finais de semana: *O casamento de Manuel e Manuela* e *As quatro chaves*.

HISTÓRIA DO VENTO. O Grupo Ventoforte nasceu em 1974 com a apresentação da peça *História de lenços e ventos* no Festival de Teatro Infantil de Curitiba. A peça recebeu vários elogios da crítica, e é um marco inovador para a história do teatro infanto-juvenil de nosso país. Ninguém ainda havia feito um teatro onde as crianças interferem no rumo da história; bonecos discutem com atores e se recusam a representar; o material de criação artística tem vida própria, como lenços e papéis que buscam a liberdade através do

se alcança mostrando que o ser está ligado a uma história.

Quando o grupo surgiu começou também um trabalho educativo na periferia do Rio de Janeiro, no Centro de Arte e Criatividade Infanto-Juvenil. A idéia era estar sempre em contato com diferentes comunidades, levando essa maneira própria de fazer e pensar o teatro não só como forma de conhecimento, mas como festa. E é isso que o Ventoforte realiza: "Fazemos teatro para que os nossos pés e mãos não esqueçam sua longa e maravilhosa história de artesãos do movimento da alma do homem no amar e criar".

Para maiores informações sobre horários e dias dos cursos e espetáculos, entre em contato com Paulo da Rosa ou José Marcos pelo telefone 820-3095. O Ventoforte fica na rua Brig. Haroldo Veloso, 150, Itaim Bibi, próximo à ponte da Avenida Cidade Jardim, em São Paulo.

CECIANA VELOSO

LITERATURA

João do Rio ataca novamente

Sátiras políticas e sociais reeditadas revelam atualidade surpreendente

Recentemente reeditadas, *A correspondência de uma estação de cura* e *A profissão de Jacques Pedreira*, do cronista fluminense João do Rio (João Paulo Alberto Coelho Barreto), levantaram alguns perdigueiros - uns poucos sempre restam - do chamado jornalismo cultural e, claro, novas tentativas de visão crítica. Saltou a atualidade da sátira política e social produzida, com coragem, em 1910, sobre a calhordice e a picaretagem na barriga da canalhocracia nacional.

TALENTO E ELEGÂNCIA. E, assim, se tentou repensar a ingratidão ou a confusão, meio névoa e obscurantismo, sobre a literatura vertiginosa que João do Rio produziu e o *juízo* que se fez ou se faz dela. Mais fácil e rápido taxá-la de superficial, ligeira e sem maiores conseqüências, embora, claro, nunca se tenha negado a exuberância de seu talento e a elegância permanente em tudo que o autor de *O bebê de Tarlatana Rosa* - carioca e universal - produziu. Assim, seu lugar esteve garantido em antologias importantes, de contos ou de crônicas, principalmente quando o tema foi o Rio.

Esse que agora voltou a receber os cuidados de certa faixa da crítica literária (ou o que resta dela neste país hoje sem suple-



João do Rio: "Escrevo por destino".

mentos de literatura, sem revistas de pensamento ou arte) confessou em vida, repetidamente, que sua aspiração nunca foi atingir as excelências da obra-prima. Não havia uma atitude de modestia. Antes, cabimento. João do Rio, além da pressa com que viveu - morreu aos quarenta anos -, deixou claro o conhecimento de suas limitações, como numa carta a um amigo: "Minha obra só poderá ser vista em conjunto dentro de dez anos. Aí verão, talvez, que eu tentei ser o reflexo tumultuário de transformações e que nos meus livros não está a obra-prima, mas que está em todos os seus aspectos morais,

mentais, políticos, sociais, mundanos, ideológicos e práticos - a vida do Rio".

FARO E CORAGEM. Enfiado na imprensa desde a adolescência, irrequieto e atento à vida em todas as camadas da sociedade do seu tempo, natural que aos vinte e poucos anos tivesse a evidência e a consideração entre os maiores. Tinha faro novidadeiro pela ralé e pela feitiçaria ou pelas últimas chegadas da Europa; não lhe faltou coragem ou virulência para farpar alguns figuras e poderosos da República Velha, como o gaúcho Pinheiro Machado, temido e *terrível* para

a época. Alguém lhe perguntou por que escrevia. E João do Rio: "Por fatalidade, pelo destino. Nunca pensei em ser escritor, nunca imaginei ter outra função na vida. E como incêndio interior. Quanto mais penso abafá-lo, mais o vejo alastrado e voraz, consumindo-me. Escrevo por fatalidade. Como um homem pode ser assassino ou herói ou desgraçado. Fatalidade duplamente cruel porque nela vivo na ansiedade insatisfeita, porque com ela nasci num país onde o respeito aos homens que escrevem quase não existe".

Ele próprio um paradoxo e, também por isso, entranhado de um conhecimento, como poucos, direto e amplo, da cidade em que viveu, não usou o pseudônimo João do Rio em vão. No teatro, no romance, no conto - a evolução do conto no Brasil passa obrigatoriamente por ele -, na crônica, no livro incatalogável, ele mais parece não uma vida, mas a soma de muitas. E morreu aos quarenta anos. Bastaria *As religiões do Rio* para merecer o pseudônimo. Inconseqüente, não: também escritor necessário.

JOÃO DO RIO: A CORRESPONDÊNCIA DE UMA ESTAÇÃO DE CURA, E A PROFISSÃO DE JACQUES PEDREIRA. EDITORA SCIPIONI.

JOÃO ANTÔNIO

AGORA 15

Ismail Xavier é professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e passou boa parte dos anos 80 estudando um momento específico do cinema nacional: a passagem, entre 1968 e 1970, do consagrado Cinema Novo aos polêmicos filmes experimentais - como *Matou a família e foi ao cinema*, de Júlio Bressane. Escreveu tese e artigos sobre o assunto, e os resultados agora saem no livro *Alegorias do subdesenvolvimento*.

FIM DO CANCRO. O ponto de partida de Ismail é que a paisagem mudou, no país, mas os problemas não, ou até se agravaram. Ou seja, a estética desenvolvida na trajetória de consolidação do Cinema Novo, cuja síntese continua a ser o emblemático *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, pressupunha um ponto de fuga no horizonte, ou além dele, onde se coroava uma transformação radical nas condições de vida da população. Os contornos dessa transformação não eram bem nítidos, mas o reclamo de algo "radical", sim. Para uns ela seria progressivamente socialista; para outros, predominantemente democrático-burguesa; para terceiros era a antecâmara (Cuba era o vestibulo) do declínio do império norte-americano. Fosse como fosse, seria exterminado o cancro do subdesenvolvimento.

Pois é. Mas tudo emperrou. E o livro de Ismail vai atrás das imagens do cinema nacional desse momento, entre 68 e 70, quando chega às telas a consciência, a pancada: a história está emperando. Primeiro, Ismail vai atrás de filmes que compõem ainda o repertório do próprio Cinema Novo, embora já em condição-limite, como *Terra em Transe*, do mesmo Glauber. Depois, busca os filmes ainda desta geração, ou próximos a ela, que contemplam - muitas vezes ainda incrédulos - o gira-gira das máquinas e da economia que prepara os contrafortes de modernização que ficariam, na época, classificados sob o nome de "milagre brasileiro", de sinistra memória. Finalmente, analisa os filmes que recebem o impacto da dissolução dos sonhos desenvolvimentistas das décadas anteriores - que eram de progresso da civilização no país - no pesadelo da acumulação consentida, da sociedade de estupidez feliz e fragmentária que então se desenhava sob a batuta dos Médicos, Campos, Delfins e afins, e que varria a sujeira da caça, da tortura, da exclu-

A história não acabou



Ao contrário dos deslumbrados com o capitalismo, Ismail Xavier mostra que a história entrou em pane com a crise de sonhos nas telas e na platéia.

A PELEJA DO DIABO CONTRA O DONO DO CÉU

O documentário "Contrerrâneos velhos de guerra", de Wladimir Carvalho, revela como o sonho da construção de Brasília transformou-se em pesadelo para quem a fez.

Os personagens glauberianos do documentário *Contrerrâneos velhos de guerra*, do diretor Wladimir Carvalho, parecem saídos de qualquer dos filmes do indiano Satyajit Ray, tal a expressão de sofrimento que carregam. Poderiam ser de Nova Delhi ou Bombaim, mas são de Pernambuco, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia e adjacências. Em comum, todos têm o fato de um dia terem aderido ao sonho de um novo Eldorado.

A CIDADE DOURADA. O documento mostra, através de depoimentos e cenas de época, como milhares de pessoas - pobres, em sua grande maioria - foram atraídas ao Planalto Central, a partir de 1956, para a construção de Brasília, cidade onde, dizia-se, "não faltaria emprego nem comida, e o pobre poderia enriquecer..." Não se sabe bem quem ou quando, mas de repente levadas extraordinárias de nordestinos começaram a chegar, atraídas pelos boatos e folhetos. Os candangos, como logo foram batizados, formaram toda a mão-de-obra que, mal alimentada e remunerada, teve de se virar (literalmente) para dar vida ao programa de Juscelino Kubitschek, de realizar "50 anos em 5", e ao sonho da "nova capital", símbolo de progresso e integração. Conseguiram, é verdade, mas a um alto preço.

Durante a empreitada, as relaxadas normas de segurança fizeram centenas (ou milhares?) de vítimas. Mas, com a mesma rapidez com que caíam de um prédio, os corpos sumiam. Ao procurá-los, os colegas nada encontravam. É que havia em plantão permanente uma "comissão" encarregada de ocultar os corpos e encobrir os acidentes, para que os entusiasmados operários não caíssem de produção. Uma tática que teria prosseguimento durante a construção da ponte Rio-Niterói anos mais tarde, e que entraria em vigor, revista e ampliada,

com os militares que arrombaram a porta em 1964.

A CIDADE REDECORADA. Construído o sonho de Juscelino, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, o povo, como sempre, não foi convidado para a festa. Os militares e a elite burocrata-administrativa da velha capital chegavam para ocupar seus postos. Curiosamente, do seio dessa mesma burguesia terceiro-mundista emergiriam décadas depois os Paulo Otávios e Fernando Collors da vida. Como seus pais acreditavam viver numa Suíça do cerrado, foram criados "projetos" para que ocasionais turistas não tivessem "má impressão" da cidade. Em outras palavras, os verdadeiros construtores de Brasília foram banidos de sua cidade e confinados na periferia, gerando as degradantes cidades-satélites, verdadeiros bolsões de miséria e derrocada social. O sonho da cidade de "homens iguais", como prometera Niemeyer, naufragara vitimado pela arrogante megalomania da ditadura.

As imagens ainda registram depoimentos sobre o surto de meningite que fez centenas de vítimas nas cidades-satélites no início da década de 70, o qual acabou sendo candidamente varrido para debaixo do tapete pelos governantes de então.

Wladimir Carvalho dá o seu recado, ainda que por vias tortuosas. Como documentário, *Contrerrâneos velhos de guerra* é muito arrastado. Alguns depoimentos poderiam ter ficado na mesa de montagem. A produção é pobre, a câmera é estática, o som é ruim. De qualquer maneira, o conteúdo serve de metáfora para a situação do brasileiro: como diz a própria trilha sonora da fita, é a peleja do diabo contra o dono do céu.

CONTRERRÂNEOS VELHOS DE GUERRA, FILME DE WLADIMIR CARVALHO. PRODUÇÃO: RIOFILMES. EM EXIBIÇÃO NO ELÉTRICO CINECLUBE, EM SÃO PAULO.

são e do endividamento externo para baixo do tapete.

SEM SAÍDA. Neste percurso, Ismail analisa os filmes tanto como alegoria de uma sociedade emperrada em seu subdesenvolvimento crônico, que muda de parâmetros mas não de condição, quanto como alegoria do próprio processo de descoberta de que a história, que julgávamos globalmente um enredo de fim positivo, embora difícil, pode ser apenas a confirmação do pesadelo, ou seja, pode ser a consciência de que mudamos de estação ou círculo do inferno - mas sem dele sair, e não só isso: com menos esperança de sair, também.

Ismail faz este percurso através da evocação figurada e comentada dos roteiros dos filmes analisados, às vezes cena a cena. O método, posto que os filmes são muitos, é cansativo, mas dá conta do recado: o leitor, mesmo que não tenha visto algum, fica com uma idéia a respeito, além do comentário crítico. A linguagem é um tanto pesada; poderia ter sido melhor trabalhada - não no sentido, é claro, de se vulgarizar. Mas trabalhada mesmo, no bom sentido graciliano: frase curta, ordem mais direta, menos uso de repetições de outro ângulo, inversões, apostos e outros recursos do neobarroco acadêmico contemporâneo (desculpe Ismail, mas sou pago para ser sincero). Isso não invalida, entretanto, o prazer da leitura, pela profundidade das idéias e pertinência do tema.

O livro nos leva a um ponto de reflexão, que a nossa esquerda de hoje (esses "rebeldes conservadores" que teimam em procurar ler os sentidos da história, ou ao menos ver algum sentido nela) tem de, e tarda a, enfrentar. Teriam os dinossauros nacionalistas de antes de 64 um ponto de razão? Acho que tinham. Não o que imaginavam, de serem eles mesmos os porta-vozes de toda a história, ou de falarem em nome do seu sentido, ou de imaginarem uma hegemonia de esquerda liderando um bloco de empresários e operários, camponeses e pequenos-burgueses. Tinham razão no sentido de apontar que sem um "projeto nacional" - isto é, que visualizasse a complexidade da nação como um campo de intervenção - nada daria certo. Não deu. Nem os foquismos esquerdistas, nem o capitalismo excludente do regime militar. País e cinema estão de volta aos mesmos problemas. Bem-vindos.

FLÁVIO AGUIAR



BRASIL AGORA

